



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**“AS GENIS DO SÉCULO XXI”: ANÁLISE DE CASOS DE
PORNOGRAFIA DE VINGANÇA ATRAVÉS DAS
REDES SOCIAIS**

MARILISE MORTÁGUA GOMES

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**“AS GENIS DO SÉCULO XXI”: ANÁLISE DE CASOS DE
PORNOGRAFIA DE VINGANÇA ATRAVÉS DAS
REDES SOCIAIS**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

MARILISE MORTÁGUA GOMES

Orientadora: Profa. Cristiane Henriques Costa

RIO DE JANEIRO
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **“As Genis do século XXI”: Análise de casos de pornografia de vingança através das redes sociais**, elaborada por Marilise Mortágua Gomes

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof^a. Dra. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof^a. Dra. Lígia Campos de Cerqueira Lana
Doutora em Comunicação pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFMG
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof^a. Dra. Leonor Werneck dos Santos
Doutora em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Faculdade de Letras - UFRJ
Departamento de Letras Vernáculas – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

GOMES, Marilise Mortágua

“As Genis do século XXI”: Análise de casos de pornografia de vingança através das redes sociais. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Cristiane Henriques Costa

GOMES, Marilise Mortágua. **“As Genis do século XXI”: Análise de casos de pornografia de vingança através das redes sociais.** Orientadora: Cristiane Henriques Costa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é apresentar a pornografia de vingança como uma nova modalidade de discriminação de gênero presente na sociedade. Ela se mostra como resultado da associação de um modelo patriarcal perpetuado ao longo dos anos com o surgimento de uma nova subjetividade contemporânea, voltada agora para aquilo que é aparente e visível e também baseada em imagens. O aprofundamento do tema acontece a partir da análise de quatro casos de exposição não-consensual de material audiovisual de caráter privado que aconteceram em diferentes localidades no Brasil e foram repercutidos por boa parte da mídia nacional: Julia Rebeca e Giana se suicidaram e utilizaram o Twitter para demonstrar suas angústias, Francielle tornou-se motivo de piada no Instagram e Thamiris deu, em primeira pessoa, sua versão do que aconteceu com ela. São apresentados ainda os aspectos comuns e as peculiaridades de cada um deles e, a partir de reportagens sobre eles, é estabelecida a relação de cada um com as redes sociais nas quais tiveram maior repercussão.

*À todas as mulheres que já passaram por algum tipo de constrangimento ou opressão,
por serem mulheres.*

AGRADECIMENTOS

À Ana Laura, por ter acreditado em mim mais do que eu mesma. Pelas noites de sono mal dormidas, pelas discussões, pelas conversas e por ter me criado, para ser sobretudo, ser humano. Por tudo, por sempre.

À Conceição e Maria, que junto com minha mãe, foram capazes de me provar, desde criança o feminismo na prática.

Ao Luiz Fernando, meu “espelho do outro lado da poça”, que sempre esteve presente, desde o começo da ECO, para eu dividir minhas angústias, felicidades e inseguranças. Por ter levantado em mim inquietações antes sequer pensadas, que me levaram a escrever este trabalho e a me tornar consciente das desigualdades existentes.

Ao Fillipe, pelo incentivo durante a escrita da monografia, pela confiança ao me mostrar a cada dia que, como diz uma das suas músicas favoritas “a vida dois é um dom” e por despertar em mim a vontade de ser uma pessoa melhor.

À Mariana e à Catarina, que junto com Luiz Fernando, me ajudaram a crescer como pessoa durante a faculdade, pelos sorrisos compartilhados, pelas conversas de Whatsapp e pelas ideias que deram para o trabalho.

À Carolina e à Flávia, pelas aulas compartilhadas, pelos Outbacks e pelas opiniões divididas comigo.

À Cristiane, por ter me instigado a escrever sobre pornografia de revanche e a buscar mais conhecimento sobre o tema, pela disponibilidade durante a escrita do trabalho e pelas aulas nos períodos anteriores, corrigindo e me atentando para questões textuais.

À Lígia, por ter me apresentado a um “mundo novo” no estudo de gênero, que me fazia ir com vontade para as aulas de sexta-feira à noite durante o semestre passado e me despertou a vontade de escrever sobre o tema em minha monografia.

À Leonor, a primeira das professoras da Escola de Comunicação que soube, ainda nos primeiros períodos, demonstrar a força do uso de uma determinada palavra em seu contexto, aspecto fundamental não só nas carreiras jornalísticas, mas em todas as relações estabelecidas socialmente.

À Escola de Comunicação, por ter me tirado do pacato mundo de estudante de um só colégio durante toda a vida escolar e me apresentado ao Rio de Janeiro e aos teóricos e, principalmente às pessoas sem as quais esse trabalho não seria possível.

SUMÁRIO

1. Introdução

2. Pornografia de vingança: origem e conceitos fundamentais

2.1 – Um breve histórico do conceito

2.2 – Análise dos dados referentes à pornografia de revanche

2.3 – A marginalizada sexualidade da mulher

2. 4 – Esclarecimentos sobre o conceito de gênero

2.4.1 – Joan Scott: gênero e seu caráter relacional

2.4.2 – Butler e a naturalização do gênero

2.4.3 – “Sexo” como matéria-prima e a pirâmide erótica

3. Cultura do estupro e *slut shamming*

4. Sexo público x sexo privado

5. Análise de casos

5.1 – Julia Rebeca e Giana Fabi: Twitter e suicídio

5.2 – Denúncia, anonimato e “memetização” no Instagram

5.3 – Facebook e o relato em primeira pessoa: Thamiris Sato

6. Conclusão

7. Bibliografia

8. Anexos

Joga pedra na Geni/Ela é feita pra apanhar/Ela é boa de cuspir/Ela dá pra qualquer um/Maldita Geni – Chico Buarque

1- INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho surgiu após um contato mais amplo com a obra de Simone de Beauvoir, durante as aulas de Mídia e representações do feminino na cultura contemporânea, no semestre passado (2014.2). Apesar de ter um prévio conhecimento básico sobre a autora, somente durante o curso foi percebida a importância da autora na busca pela igualdade de gênero. Ao longo do mesmo curso, foram apresentadas também importantes teóricas feministas com as quais este trabalho dialoga, como Gayle Rubin e Judith Butler, que foram responsáveis por perpetuar os estudos sobre gênero. Outro importante teórico do trabalho é Pierre Bordieu, sociólogo francês cuja obra *A dominação masculina* apresenta importantes pontos de aproximação com a obra de Beauvoir. Dessa forma, havia sido assim definido um recorte inicial sobre o tema: seria abordada alguma perspectiva de submissão feminina que existisse nos dias de hoje e que fosse capaz de comprovar que a tão falada igualdade de gênero não existe na atualidade, de fato.

O grupo do Facebook Talk Olga¹ também teve fundamental importância durante a realização deste trabalho. Ele é o grupo de discussões do Think Olga², site criado pela jornalista Juliana de Faria Kenski e, de acordo com a definição presente no próprio site, ele pode ser definido como:

um *think tank*³ dedicado a elevar o nível da discussão sobre feminilidade nos dias de hoje. (...) E Olga se propõe a descobrir quem é essa nova mulher, o que ela quer hoje, e criar conexões criativas mais reais e verdadeiras. A partir de um diálogo honesto, encontraremos formas femininas de pensar a vida – e que elas não sejam todas cor de rosa⁴

¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/talkolga/> Acesso em: 10/11/2014

² Disponível em: <http://thinkolga.com/> Acesso em: 12/11/2014

³ “O conceito de *think tank* faz referência a uma instituição dedicada a produzir e difundir conhecimentos e estratégias sobre assuntos vitais – sejam eles políticos, econômicos ou científicos. Assuntos sobre os quais, nas suas instâncias habituais de elaboração (estados, associações de classe, empresas ou universidades), os cidadãos não encontram facilmente insumos para pensar a realidade de forma inovadora” (LEIS, 2009) Disponível em: <http://www.imil.org.br/artigos/o-que-significa-um-think-tank-no-brasil-de-hoje/> Acesso em: 10/11/2014.

Uma das pesquisas do Think Olga que mais ganhou repercussão foi “Chega de fiu-fiu”⁵, que, a partir das respostas de mulheres de todo o país sobre questões relacionadas ao assédio sexual, traçou um panorama nacional sobre o tema e teve seus resultados amplamente divulgados por diversos veículos.

No grupo Talk Olga, mulheres de todo o país dividem situações que viveram e repercutem matérias publicadas em diferentes veículos nacionais e internacionais sobre avanços e retrocessos na busca por igualdade. Diante das discussões que lá aconteciam, a escolha inicial foi por pesquisar a repercussão de casos de estupro na mídia. Mas, como raras são as publicações de grande repercussão sobre o tema, aconteceu um breve desvio: após a leitura de uma matéria publicada no jornal O Globo⁶ sobre o lançamento do *For You*, um aplicativo de apoio às vítimas de pornografia de vingança, foi feita a escolha definitiva.

A pornografia de vingança foi escolhida como tema deste trabalho, porque não só é capaz de evidenciar que a submissão da mulher ainda existe na atualidade, como também demonstra que o mundo contemporâneo faz com que novas formas de submissão sejam criadas, pois esse tipo de crime não era comum no mundo pré-internet (apesar de existirem, como será apontado no histórico apresentado no primeiro capítulo). As mulheres que são vítimas de pornografia de vingança são, de certo modo, as “Genis” do século XXI. A “protagonista” da canção “Geni e o Zepelim” é uma prostituta, representada como travesti durante a peça “Ópera do Malandro”, que vê seu destino mudado pelo julgamento das pessoas da cidade onde morava. Em uma breve explicação realizada pelas pesquisadoras paulistas Luciane de Paula e Marina Haber de Figueiredo, observa-se que:

É o refrão que revela o preconceito e a hipocrisia de toda a cidade com a heroína prostituída, apedrejada como Maria Madalena. Pode ser que por parecer ir ao encontro da ideologia hegemônica discriminatória e falso-moralista predominante no período militar (mas não só) que a canção tenha sido aceita e passado pelo crivo da censura da época, mesmo indo de encontro a essa ideologia. (...) A construção estética da canção revela a discriminação hipócrita da sociedade, que clama e aclama Geni ao precisar de seus serviços ou, sem estar em suas mãos, a apedreja. (PAULA & FIGUEIREDO, 2010, p.1)

⁵ Disponível em: <http://thinkolga.com/chega-de-fiu-fiu/> Acesso em: 10/11/2014

⁶ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/meninas-criam-app-para-ajudar-vitimas-de-exposicao-sexual-na-web-12561771> Acesso em: 10/11/2014

As “Genis” de hoje, ao contrário daquela de Chico, não são prostitutas. Elas são mulheres que apenas exercem sua sexualidade e, muitas vezes, por desejo do parceiro, deixam ser filmadas ou fotografadas e, quando o conteúdo torna-se público, a culpa recai sobre elas. Assim como Geni, são aclamadas e depois apedrejadas: ao mesmo tempo em que instrui as mulheres a servir o homem e, assim, realizar os desejos dele, o senso comum valoriza a castidade e a postura recatada da mulher. Isto posto, são apresentados, ao longo do trabalho, dados que indicam que a pornografia de vingança mostra-se como um tipo de violência de gênero especialmente contemporânea, pois se outros crimes deste tipo – como estupro e agressão – já aconteciam no passado, a pornografia de vingança está diretamente relacionada à internet.

A primeira hipótese de trabalho foi a análise de notícias relativas a quatro casos de pornografia de vingança: Julia Rebeca, de 17 anos, que teve um vídeo íntimo publicado; Giana Fabi, 16 anos, que teve uma foto sua sem sutiã compartilhada; aos 19 anos, Francielle Santos, que viu sua intimidade publicada em um vídeo se tornou um viral e Thamiris Sato, aos 21, que viu seu ex-namorado publicar, por duas vezes, fotos íntimas suas em grupos no Facebook e em sites para download. Esses casos foram escolhidos pois, ao mesmo tempo em que possuem aspectos comuns, como a faixa de idade das quatro vítimas (todas são muito jovens: a mais velha, Thamiris, tinha 21 anos quando o crime aconteceu), eles terminaram de diferentes modos: as duas meninas mais novas cometeram suicídio, Fran preferiu o anonimato e, por causa de um gesto, virou um meme na internet e Thamiris foi a única das quatro que falou publicamente sobre o tema.

A intenção inicial era analisar, de modo comparativo, a maneira como jornais de grande circulação (como O Globo, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo), revistas femininas (Marie Claire e Claudia, por exemplo), revistas masculinas (como Playboy e VIP) publicaram esses casos e conteúdos relacionados a pornografia de vingança. No entanto, além de demandar uma pesquisa mais aprofundada, o que deve necessitar um período de tempo relativamente maior que um semestre, tal comparação se mostrou, por ora, inconsistente, pois, apesar de os casos terem especificidades, eles eram tratados, pela maioria dos veículos, como “mais do mesmo”. Vale observar, entretanto, que apesar de não serem examinadas profundamente, as reportagens publicadas sobre o tema foram de grande serventia para o trabalho, como fonte de informações para a

análise de casos realizada, através de entrevistas com familiares e fatos apresentados em reportagens dos mesmos.

Foi percebido, portanto, que todos os casos tiveram, cada um a sua maneira, as redes sociais como “cenário”: Julia e Giana anunciaram os respectivos suicídios pelo Twitter, Fran tornou-se motivo de piada no Instagram e Thamiris usou o Facebook para fazer seu “desabafo como vítima de revenge porn”, expressão usada por ela mesma. Essa, cada vez mais presente, relação do sujeito contemporâneo com a tecnologia e as redes sociais é explorada por Paula Sibilia em *O show do eu*, tese de doutorado defendida em 2007 na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e posterior livro, com o qual também é estabelecido um diálogo neste trabalho. Em seguida, cada caso é apresentado em detalhes, bem como as redes sociais onde eles se aconteceram e/ou ganharam repercussão.

Outro ponto aqui presente que tem íntima relação com pornografia de vingança e é esclarecido é o conceito de “cultura do estupro”, criado nos anos 1970 e utilizado até os dias de hoje para explicar a culpabilização da mulher diante de situações de opressão. Nesta parte do trabalho, pode-se perceber uma influência muito grande de feministas contemporâneas, que têm na internet o principal canal de “popularização”, como a nigeriana Chimamanda Adichie e a brasileira Lola Abromovich.

Uma ressalva importante a fazer é a de que o trabalho não tem por objetivo explicar ou justificar o comportamento de cada uma das vítimas, mas indicar como os traços de um novo tipo de subjetividade contemporânea, proposto por Sibilia a partir das mudanças causadas pela crescente influência tecnológica, mostram-se presentes também em cada um dos casos. Busca-se também apontar características em cada uma das redes sociais podem ter sido relevantes na escolha de cada uma das vítimas. Para isso, são apresentadas não somente apontamentos de pesquisadoras contemporâneas, como a brasileira Raquel Recuero e a britânica Angela McRobbie, como também uma entrevista com uma das vítimas deste tipo de crime, a paulista Thamiris Sato. Finalmente, é válido esclarecer também que o termo “pornografia de vingança” apresenta alguns sinônimos, como “vingança pornô”, “pornografia de revanche”, “pornô de vingança”, utilizados ao longo de todo o trabalho.

A infinita estupidez humana e sua arte suprema de manter a si mesmo e aos próximos eternamente infelizes. Todos vigiando a todos para que ninguém faça o que todos gostariam de fazer – principalmente amar, rir, dançar, cantar. Só na hora certa, só no lugar certo! – José Angelo Gaiarsa

2- PORNOGRAFIA DE VINGANÇA: ORIGEM E PERSPECTIVAS FUNDAMENTAIS

Para bem esclarecer o que é “pornografia de vingança”, correspondente ao inglês “revenge porn”, é importante localizá-lo em um contexto espaço-temporal. A partir de um histórico proposto pela New York Magazine⁷, serão apresentados a seguir, momentos importantes para a criação e consolidação do conceito, em uma perspectiva mundial.

2.1 – Um breve histórico do conceito

O primeiro caso de pornografia de vingança considerado pela publicação aconteceu nos anos 1980, durante um acampamento, o casal americano LaJuan e Billy Wood tirou fotos nuas um do outro. Ao retornarem para casa, revelaram o material através de modo que terceiros não tivessem acesso, deixando-o em uma gaveta do quarto. Certo dia, Steve Simpson, vizinho e amigo do casal Wood, invadiu o apartamento e, após achar fotos de LaJuan nua, decidiu enviá-las para a revista americana “Beaver Hunt”, parte do conglomerado Hustler, especializado em revistas pornográficas para o público masculino.

A revista era composta, basicamente, por fotos de “modelos não-profissionais” enviadas por leitores, que recebiam cinquenta dólares por foto. Para a publicação do material, era preciso preencher uma ficha, na qual Simpson colocou informações falsas sobre a vida e até mesmo sobre preferências sexuais de LaJuan. No entanto, ao informar o telefone da vítima, indicou o número verdadeiro, fazendo com que, após a publicação da revista, ela fosse alvo de inúmeras ligações de cunho assediador. Neste caso, vale a ressalva de que o responsável pela divulgação das fotos não precisa ser, necessariamente o parceiro da mulher, mas alguém que tenha com ela um vínculo afetivo, o que também caracteriza pornografia de revanche.

⁷ Disponível em: <http://nymag.com/news/features/sex/revenge-porn-2013-7/> Acesso em: 10/09/2014

Em 2000, o pesquisador italiano Sergio Messina percebeu como crescente em grupos de fóruns da Usenet, uma das redes pioneiras de comunicação por computador, um tipo de pornografia nomeada por ele de “*realcore*”, que eram fotos e vídeos de ex-namoradas compartilhados entre os usuários. Em outubro de 2007, “revenge porn” passou a integrar o dicionário colaborativo Urban Dictionary⁸, popular nos Estados Unidos.

No ano seguinte, o portal XTube – que reúne vídeos pornográficos de todo o mundo – informou em sua página principal que recebia de duas a três reclamações semanais de mulheres que viam ali sua intimidade exposta sem autorização. Para que essas “retaliações” não acontecessem, foram criados então sites especializados em pornografia de revanche, como realexgirlfriends.com e iknowthatgirl.com.

Em 2010, foi realizada a primeira prisão por postagem de pornografia de revanche. Joshua Ashby, com 20 anos à época e morador de uma região do subúrbio da Nova Zelândia, postou, no perfil do Facebook de sua namorada, uma foto dela nua em frente ao espelho e mudou a senha, para que ela não pudesse excluir a imagem. Ele foi condenado a um ano de prisão: quatro meses pela divulgação da foto de maneira pública, de modo que todos os 500 milhões de usuários ativos na época poderiam ver, e outros seis por ter ameaçado a vítima por mensagens de textos com conteúdo agressivo antes da postagem.⁹ Ainda em 2010, o californiano Hunter Moore criou IsAnyoneUp.com, site que permitia aos usuários postar fotos de outras pessoas nuas, em sua maioria mulheres, associando a elas o nome completo e o link do perfil no Facebook. Com uma média de 30 milhões de visualizações mensais, o site se tornou conhecido mundialmente e lucrava dez mil dólares mensalmente. Cantoras, atrizes e diversas mulheres anônimas – inclusive portadoras de necessidades especiais – tiveram sua intimidade violada em fotos, que chegavam a 30 publicadas diariamente, afirmou Moore em entrevista à Rolling Stone americana¹⁰. Em 2012, ele tirou o site do ar e, em janeiro deste ano, foi preso.¹¹

⁸ Disponível em: <http://pt.urbandictionary.com/define.php?term=revenge%20porn> Acesso em 10/09/2014

⁹ Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-1329812/Joshua-Ashby-Facebook-user-jailed-posting-naked-picture-ex-girlfriend.html> Acesso em 10/09/2014

¹⁰ Disponível em: <http://www.rollingstone.com/culture/news/the-most-hated-man-on-the-internet-20121113> Acesso em 10/09/2014]

¹¹ Disponível em: <http://news.msn.com/crime-justice/notorious-revenge-pornster-charged-with-hacking?ocid=ansnews11> Acesso em 10/09/2014

Em 2013, surgiu na Flórida a primeira proposta de lei para tornar a pornografia de revanche um crime grave – com punição de cinco anos de regime fechado. Apesar de ter sido bem aceito, o projeto teve seu debate temporariamente adiado. Percebe-se, portanto, que a prática do que hoje é denominado pornografia de vingança começou antes da internet, embora tenha sido extensivamente multiplicado a partir dela. O aparecimento das mídias sociais (aplicativos de bate-papo e redes sociais) também contribuiu, devido à precária regulamentação, principalmente no Brasil. Com isto, a pornografia de vingança pode ser definida como a divulgação de imagens sexuais, fotográficas ou audiovisuais por uma pessoa, que tem ou já teve um vínculo afetivo com a vítima. E apesar de, muitas vezes, apesar de o material ser filmado com o consentimento dela ou mesmo por ela concedido (*sexting*¹²), a exposição do material é feita sem a permissão dela, o que configura o crime.

2.2 – Análise dos dados referentes à pornografia de revanche

Fundada em 2005 por grupo de pesquisadores, cientistas da computação, professores e advogados, a SaferNet Brasil é uma associação civil de direito privado, com atuação nacional, sem fins lucrativos ou econômicos, sem vinculação político partidária, religiosa ou racial, que investiga, em parceria com os Ministérios Públicos Estaduais e Federais, a prática de crimes e violações contra os Direitos Humanos na internet.

Em um *press release* divulgado pela instituição em agosto de 2014, são apresentados os indicadores dos atendimentos relacionados à pornografia de revanche, realizados pelo Helpline Brasil, canal online e gratuito de comunicação que oferece ajuda e orientações para vítimas de diversos tipos de violência online. De janeiro a junho de 2014, totalizaram-se 108 ocorrências. No mesmo período do ano passado, 2013, foram 39 casos, o que indica um aumento de, aproximadamente, 177% em apenas um ano. E se for realizada a comparação com 2012, os dados são ainda mais notáveis: entre janeiro e dezembro de 2012, foram realizadas 48 denúncias, enquanto no mesmo

¹² De acordo com o Instituto Safernet Brasil, sexting “é uma palavra originada da união de duas palavras em inglês: sex (sexo) + texting (envio de mensagens). O Sexting descreve um fenômeno recente no qual adolescentes e jovens usam seus celulares, câmeras fotográficas, contas de email, salas de bate-papo, comunicadores instantâneos e sites de relacionamento para produzir e enviar fotos sensuais de seu corpo (nu ou seminú). Envolve também mensagens de texto eróticas (no celular ou Internet) com convites e insinuações sexuais para namorado(a), pretendentes e/ou amigos(as).” Disponível em: <http://www.safernet.org.br/site/prevencao/cartilha/safer-dicas/sexting>. Acesso em: 12/10/2014

período de 2013, aconteceram 101 denúncias e atendimentos, o que demonstra um crescimento de 110% entre os anos.

Tal aumento, não significa, necessariamente, um aumento no número de casos, mas pode estar relacionado a um aumento no número de denúncias, devido a uma maior veiculação de casos semelhantes pela mídia. Também é interessante analisar o perfil das pessoas que entraram em contato com o serviço, entre janeiro de 2012 e junho de 2014, para fazer uma denúncia ou buscar apoio psicológico: mais de 77% das vítimas são do sexo feminino e aproximadamente 88% delas têm entre 13 e 25 anos.

Outro levantamento, “Sexting no Brasil – uma ameaça desconhecida”¹³, realizado em 2012 pela consultoria de tecnologia eCGlobal Solutions, com cerca de 2 mil brasileiros maiores de idade, revelou que, os homens são quem mais recebem e compartilham esse tipo de material: 64% dos entrevistados tem o hábito de enviar fotos próprias e de outras pessoas. O mesmo não acontece em relação às mulheres, cujo principal material com caráter sexual enviado são mensagens de texto, sem imagens (72%). Quando questionados sobre se sentiram seguros durante o envio do material, mais uma diferença entre os gêneros: mais da metade dos homens (55%) afirmou que “sim”, já nas mulheres, o percentual foi de 44%. A análise desses dados permite que a pornografia de revanche seja considerada uma forma de violência de gênero, pois, como foi visto, as vítimas são, de modo majoritário, jovens mulheres. Dessa forma – assim como em estupros, na violência doméstica e em perseguições de cunho pessoal – na pornografia de vingança são violados parâmetros legais e sociais para a promoção da igualdade de gênero.

Como indica a escritora francesa Simone de Beauvoir no segundo volume da obra *O segundo sexo*, cobram da mulher, no que diz respeito a sua sexualidade, uma postura pela qual ela deve permanecer, ao mesmo tempo, intocada como um ídolo, mas deve também dispor-se a atender os desejos daquele a quem ela é supostamente subordinada, o homem, como uma serva:

Para ser graciosa, ela deverá reprimir seus movimentos espontâneos, pedem-lhe que não tome atitudes de menino, proíbem-lhe exercícios violentos, brigas: em suma, incitam-na a ser, como as mais velhas, uma serva e um ídolo. (BEAUVOIR, 1970, p. 23)

¹³ Disponível em: <http://pt.slideshare.net/ecglobal/relatorio-sexting-brasilpt> Acesso em: 03/10/2014

2.3 – A marginalizada sexualidade da mulher

Para iniciar sua argumentação, a escritora volta-se para os primeiros anos de vida, e afirma que já nesse momento homens e mulheres têm tratamento diferenciado em relação ao sexo. Em um recém-nascido do sexo masculino, por exemplo, é comum que sejam feitos comentários e brincadeiras com o órgão sexual dele, situação que não acontece quando o bebê é do sexo feminino. “Nem mães nem amas têm reverência e ternura por suas partes genitais; não chamam a atenção desse órgão secreto de que só se vê o invólucro e não se deixar pegar; em certo sentido a menina não tem sexo.” (BEAUVOIR, 1970, p. 14)

Durante o crescimento, o pênis também se mostra como um privilégio perante o outro sexo, pois garante uma série de facilidades, sendo a mais evidente delas conseguir urinar em pé. O órgão sexual masculino funciona como uma espécie de alter-ego, garantindo ao menino certa demonstração de autonomia: “o menino mede o comprimento do seu pênis, compara com o de seus colegas a força do jato urinário” (Ibidem, p. 14) A menina, no entanto, não se vê encarnada em nenhuma parte de seu corpo, pois seu alter-ego é, segundo Beauvoir, um objeto estranho: a boneca. Ela deve cuidar e enfeitar o brinquedo, zelando por ele e tornando-o, muitas vezes, um espelho de si mesma. Dessa forma, se o menino é levado a olhar para si mesmo e a demonstrar poder, a menina, desde a infância, aliena-se em sua pessoa.

Com o passar dos anos, são ensinadas faculdades domésticas para a menina, como cuidar da casa, cozinhar, costurar, além de serem impostas regras de comportamento. “Para ser graciosa, ela deverá reprimir seus movimentos espontâneos; pedem-lhe que não tome atitudes de menino, proíbem-lhe exercícios violentos, brigas” (Ibidem, p. 23).

A puberdade também é um marco na relação da mulher com seu corpo: com as diversas transformações que ele sofre, torna-se alvo dos olhares masculinos e passa a ser vista como objeto de desejo, trazendo à jovem vergonha ou repugnância por sua figura. Por isso, buscar por um corpo mais magro e evitar sair de casa são atitudes comuns pelas jovens nesse momento. E a menarca, primeira menstruação, completa o ciclo, pois é uma espécie de carimbo, que a confirma como pertencente ao sexo feminino, como escreve Beauvoir:

Antes a menina podia, com alguma má-fé, acreditar-se ainda um ser assexuado, podia não se pensar; acontecia-lhe até sonhar que certa

manhã acordaria transformada em home; agora as mães e tias cochicham com ares lisonjeados: 'é uma moça agora'; a confraria das matronas ganhou: ela pertence-lhes. Ei-la catalogada sem apelo do lado das mulheres. (BEAUVOIR, 1970, p. 53)

E, se no homem, o desejo sexual mostra-se incontestável a partir da ereção, na mulher ele não somente não é exteriorizado, como também deve ser combatido e, exercido somente dentro das condições morais adequadas: no casamento e com o objetivo de reprodução.

Ainda analisando a submissão feminina, a escritora francesa aponta que para que uma coletividade possa se definir como uma, é imprescindível que ela aponte aquela que irá assumir o papel de outra. Historicamente, o masculino dominou o feminino, o que justifica a disseminação do ponto de vista do homem e sua prevalência. É por isso que ainda hoje, muitas mulheres têm opiniões machistas sobre pornografia de revanche. A relação de domínio entre homem e mulher foi, como indica Beauvoir, justificada inicialmente por um dado biológico e não por um momento histórico.

A mulher é mais fraca do que o homem; ela possui menos força muscular, menos glóbulos vermelhos, menor capacidade respiratória; corre menos depressa, ergue pesos menos pesados, não há quase nenhum esporte em que possa competir com ele; não pode enfrentar o macho na luta. (Ibidem, p. 54)

No entanto, a autora afirma que o viés biológico mostra-se limitado para determinar a existência feminina, comparando-a ao seu contraponto masculino; este é apenas uma possibilidade que, dependendo do texto analisado, perde sua conveniência.

Em verdade, esses fatos não poderiam ser negados, mas não têm sentido em si. Desde que aceitamos uma perspectiva humana, definindo o corpo a partir da existência, a biologia torna-se uma ciência abstrata; no momento em que o dado fisiológico (inferioridade muscular) assume uma significação, esta surge desde logo como dependente de todo um contexto; a "fraqueza" só se revela como tal à luz dos fins que o homem se propõe, dos instrumentos de que dispõe, das leis que se impõe. Se não quisesse apreender o mundo, a própria idéia de posse das coisas não teria mais sentido; quando o pleno emprego da força corporal não é exigido nessa apreensão, abaixo do mínimo utilizável, as diferenças anulam-se; onde os costumes proíbem a violência, a energia muscular não pode alicerçar um domínio: é preciso que haja referências existenciais econômicas e morais para

que a noção de fraqueza possa ser concretamente definida. (BEAUVOIR, 1970, p. 55)

Nota-se que a submissão da mulher ao homem está tão cristalizada na sociedade que, muitas vezes, é percebida como algo biológico, quando na verdade, trata-se de uma condição social. O sociólogo francês Pierre Bordieu também explica esse ponto quando diz que:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 2002, p. 15)

E até mesmo o vocabulário reflete essa submissão: quando algo é caracterizado como “mulherzinha” (um filme mulherzinha, um programa mulherzinha...), ele ganha uma conotação negativa e inferior. Nas palavras de Beauvoir:

Na boca do homem o epíteto “fêmea” soa como um insulto; no entanto, ele mesmo não se envergonha da sua animalidade, sente-se antes orgulhoso se lhe chamam “macho”. O termo “fêmea” é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo (BEAUVOIR, 1970, p. 25)

2.4 – Esclarecimentos sobre o conceito de gênero

A partir da análise da obra de Beauvoir é preciso, no entanto, fazer uma ressalva em relação aos conceitos de “gênero” e “sexo”. Em sua obra, Beauvoir apontou as dimensões sociais, psicológicas, culturais e políticas da desigualdade entre homens e mulheres que foram fundamentais para pensamento sobre a história, os mitos, as práticas e os papéis sociais exercidos por eles. No entanto, escrito em 1949, o livro, que pode ser considerado, de acordo com Françoise Collin – filósofa, romancista e feminista belga – o “texto fundador do feminismo do século XX” (COLLIN *apud* CORREA, 2011, p. 68), não apresenta o conceito de “gênero” como distinto de “sexo”, pois o surgimento do primeiro é posterior à sua obra. Mas, ao questionar o aspecto biológico como essencial das relações entre homens e mulheres, Beauvoir abre caminho para que

outras teóricas feministas possam discutir a diferença entre “gênero” e “sexo”, posteriormente.

2.4.1 – Joan Scott: gênero e seu caráter relacional

Joan Scott, historiadora norte-americana, apresentou sua noção de gênero no artigo “Gênero: uma categoria útil para a análise histórica”. A autora define gênero como “uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos” (SCOTT *apud* CORREA, 2011, p. 69). Retomando as premissas de Beauvoir, Scott evidencia o caráter relacional das questões que envolvem homens e mulheres e nega que as definições de homem e mulher são exclusivamente baseadas na biologia e na diferença física. “Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é um modo primário de significar relações de poder” (Ibidem, p. 69). Ao serem relacionadas com as relações de poder, as práticas femininas não podem ser analisadas de modo isolado, mas requerem também pesquisa sobre as práticas masculinas. Dessa forma, ao analisar os casos de pornografia de revanche, não se pode olhar apenas para a mulher que gravou ou se permitiu gravar, mas para todo o contexto que levou ela a fazer isso.

2.4.2 – Butler e a naturalização do gênero

Judith Butler, filósofa pós-estruturalista norte-americana, expõe em seu livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2003) que, ao longo da vida, o gênero é reafirmado constantemente, e dessa forma aquilo que é aprendido socialmente torna-se cada vez mais naturalizado. Resgatando Beauvoir, Butler afirma que:

A garota torna-se uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero. Mas esse tornar-se garota da garota não termina ali, pelo contrário, essa interpelação fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado. (BUTLER *apud* CORREA, 2001, p. 70).

Butler indica que a sociedade impõe, de modo compulsório, a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática, de modo heteronormativo, que começa desde a descoberta do sexo da criança. Para dar um fim a essa lógica que tende à reprodução, Butler destaca a necessidade de subverter a ordem compulsória, desmontando a obrigatoriedade entre sexo, gênero e desejo.

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (BUTLER *apud* SENKEVICS¹⁴)

Por esse motivo, os estudos de Butler são bastante usados, até hoje, em análises sobre transexualidade.

2.4.3 – “Sexo” como matéria-prima e a pirâmide erótica

Em 1975, a antropóloga norte-americana Gayle Rubin publicou seu ensaio “O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a Economia Política do Sexo”, no qual, a partir de uma analogia a Marx, se pergunta quais são as relações que transformam uma fêmea da espécie humana em uma mulher domesticada. Para ela, essa transformação transparece o “sistema sexo/gênero”: o sexo seria uma espécie de matéria-prima que é, ao longo do crescimento, transformado em produto, o gênero. “O sistema sexo/gênero é um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN *apud* SENKEVICS¹⁵). Por ser pioneiro, o ensaio mostrou-se relevante para a desnaturalização das desigualdades de gênero.

De acordo com Lígia Lana, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora dos estudos de gênero, em “Thinking Sex”, ensaio publicado em 2010, Rubin “analisa que, na constituição da sexualidade moderna, na Inglaterra e na Europa, no século XIX, a moralidade vitoriana apregoou a valorização castidade e o

¹⁴ Disponível em: <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/05/01/o-conceito-de-genero-por-judith-butler-a-questao-da-performatividade/> Acesso em: 15/10/2014

¹⁵ Disponível em: <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/04/16/o-conceito-de-genero-por-gayle-rubin-o-sistema-sexogenero/> Acesso em: 15/10/2014

combate a vícios sexuais, ensinando normas sadias para o sexo” (LANA, 2014, p. 4) e propõe que as sociedades ocidentais modernas julgam os atos sexuais a partir de um sistema hierárquico, em uma espécie de “pirâmide erótica”: os heterossexuais reprodutores casados estão no topo, seguidos de heterossexuais monogâmicos não casados, mas que constituem casais e, depois, da maior parte dos heterossexuais. No “limite da respeitabilidade”, estariam casais estáveis de lésbicas e de gays e, em seguida, homossexuais promíscuos/as. A última “casta” incluiria transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo, modelos da indústria pornográfica.

Indivíduos cujos comportamentos se situam no topo desta hierarquia são recompensados com um certificado de sanidade mental, respeitabilidade, legalidade, mobilidades social e física, suporte institucional e benefícios materiais. Na medida em que comportamentos sexuais ou ocupações decrescem na escala, os indivíduos tornam-se submetidos a presumidas doenças mentais, má reputação, criminalidade, restrições às mobilidades física e social, perda de suporte institucional, sanções econômicas e acusações criminais (RUBIN *apud* LANA, 2014, p. 5)

A partir da pirâmide proposta pela antropóloga americana, percebe-se que, com a divulgação do material de pornografia de vingança, as vítimas passam a ser julgadas, equivocadamente, como semelhantes às atrizes pornô e prostitutas, ocupando assim a posição mais rebaixada da mesma. A categorização em tipos de mulheres (“mulher para casar e mulher para sair”) e o julgamento do comportamento sexual e das roupas, servindo isto como justificativa para cometer crimes são características da chamada cultura do estupro.

*“Nós ensinamos as meninas a se envergonharem. ‘Feche suas pernas’, ‘cubra-se’. Nós as fazemos sentir que por nascerem mulher, já são culpadas de algo. E assim, meninas crescem e se tornam mulheres que não podem ter desejo. Elas crescem como mulheres que devem silenciar a si mesmas. Elas crescem como mulheres que não podem dizer o que realmente pensam”*¹⁶ – Chimamanda Ngozi Adichie

3 – CULTURA DO ESTUPRO E *SLUT SHAMMING*

A epígrafe deste capítulo é um trecho da palestra apresentada pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie na palestra “We should all be feminist” (Todos nós devemos ser feministas, em tradução livre), durante o TEDx Talks realizado em Euston, no Reino Unido. Em alguns minutos, Chimamanda mostra como, culturalmente é estabelecida uma padrão de comportamento para as mulheres. Essa imposição ganhou, ao longo dos anos, a denominação de “cultura do estupro”. No artigo “Sobre a cultura do estupro”, Cynthia Semíramis, doutoranda em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresenta a origem da expressão “cultura do estupro”: ela foi criada no início da década de 1970, por feministas norte-americanas diante do crescimento do crime.

O grupo New York Radical Feminists destacou-se nessa área, produzindo palestras e conteúdo que inspiraram cineastas e escritoras. Dentre os trabalhos produzidos merecem destaque o documentário *Rape Culture (Cultura do estupro)*, de Margaret Lazarus e Renner Wunderlich, e o livro de Susan Brownmiller *Against Our Will: Men, Women and Rape (Contra a nossa vontade: homens, mulheres e estupro)*, ambos de 1975. O documentário foi importante porque apresentou diversos pontos de vista em relação ao estupro, dando voz às vítimas, estupradores e pessoas que trabalhavam em centros de atendimento às vítimas. Também fez uma análise da abordagem midiática em casos de estupro, concluindo que a cultura da época endossava a violência sexual contra mulheres. O livro de Susan Brownmiller apresenta um histórico detalhado sobre o estupro. São expostas inclusive questões raciais (a origem da mentira de que homens negros seriam “naturalmente” estupradores) e observações sexistas em livros jurídicos (um autor sugeria desprezar denúncias de

¹⁶ Tradução da autora. “We teach girls shame. Close your legs, cover yourself; we make them feel as though being born female they’re already guilty of something. As so, girls grow up to be women who cannot say they have desire. They grow up to be women who silence themselves. They grow to be women who cannot say what they truly think.” Disponível em:

http://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc Acesso em: 25/10/2014.

estupro porque as mulheres “têm tendência a mentir”). (SEMÍRAMIS, 2013)¹⁷

Para Brownmiller, portanto, o estupro não deveria ser considerado somente um crime relacionado a sexo ou desejo sexual, mas referia-se a um processo de intimidação pelo qual todos os homens mantêm todas as mulheres em um estado de medo permanente, estabelecendo assim uma relação de poder. No entanto, para Semíramis, a generalização feita pela americana é equivocada, pois:

o problema está na estrutura social antiquada que determina papéis de gênero fixos: homens deveriam agir de determinada forma; mulheres, consideradas inferiores a eles, deveriam agir de forma diferente para evidenciar essa inferiorização e deveriam se subordinar aos homens. Às pessoas caberia simplesmente acatar e se enquadrar nos papéis predeterminados. (Ibidem)

Dessa maneira, “a cultura do estupro é o processo de constrangimento social que garante a manutenção dos papéis de gênero” (Ibidem) e não pode ser considerada como um conjunto de ações individuais, como se todos os homens odiassem as mulheres, mas uma convenção social que determinados papéis e estruturas sociais sejam mantidos ao longo dos anos. Lola Abromovich, professora da Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutora em Literatura em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), listou em seu blog “Escreva, Lola, escreva” uma série de situações cotidianas onde a “cultura do estupro” pode ser percebida:

Cultura de estupro é comediante dizer que homem que estupra mulher feia não merece cadeia, merece um abraço, e metade da população rir e, diante dos protestos da outra metade, xingar quem se indignou com o chiste de mal amada, mocreia, sapatão, “nem pra ser estuprada vc serve”. Cultura de estupro é vender camisa (e muita gente comprar pra usar) com “fórmula do amor”, que equivale a embebedar a mulher para conseguir sexo sem resistência. Cultura de estupro é um programa de TV fazer rir em cima de um problema que acomete milhares de mulheres por dia (bolinações dentro de meios de transporte coletivo). Cultura de estupro é anúncio de preservativo brincar que sexo sem consentimento queima mais calorias. (ABROMOVICH, 2012)¹⁸

¹⁷ Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/04/cultura-do-estupro/>. Acesso em: 25/10/2014

¹⁸ Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/08/cultura-de-estupro-nao-imagine.html> Acesso em: 25/10/2014

Considerando-se, assim, que a “cultura do estupro” é a imposição de uma postura moralmente aceitável para as mulheres e a culpabilização das mesmas, caso sejam vítimas de violência, por deixarem de ter “cumprido” alguma dessas imposições, também é válido citar Melissa McEwan, blogueira norte-americana, que indicou uma série de “cuidados” que são impostos às mulheres na sociedade:

(...) cultura do estupro é dizer às garotas e mulheres que sejam cuidadosas com o que vestem, como se vestem, como se comportam, onde caminham, quando caminham, com quem caminham, em quem confiam, o que elas fazem, onde elas fazem, com quem elas fazem, o que elas bebem, o quanto bebem, se fazem contato visual, se estão sozinhas, se estão com um estranho, se estão em um grupo, se estão em um grupo de estranhos, se está escuro, se a área é desconhecida, se estão carregando alguma coisa, como estão carregando, que tipo de sapatos estão calçando caso precisem correr, que tipo de bolsa carregam, que bijuteria usam, que horas são, que rua é, que ambiente é, com quantas pessoas dormem, com que tipo de pessoas dormem, quem são seus amigos, para quem dão seus telefones, quem está perto quando o entregador chega. É sugerir que arrumem um apartamento de onde se possa ver quem está na porta antes de abrí-la, que tenham um cachorro ou outro sistema de alarme, que tenha um colega de apartamento, que tenha aulas de defesa pessoal, que esteja sempre alerta, que preste atenção, que sempre olhe para trás para ver se alguém está seguindo, que sempre esteja atenta aos arredores e que nunca baixe a guarda nem por um momento a não ser que você queira ser agredida sexualmente e caso ela não tenha seguido todas essas regras a culpa é sua. (MCEWAN, 2009)¹⁹

Caso seja considerada culpada, a mulher sofre ainda com o *slut shamming*: de modo contrário à *revenge porn*, esse termo ainda não tem um equivalente em português, mas pode ser definido como o ato de atacar e ofender uma mulher por ter descumprindo às expectativas de gênero listadas acima. E, embora sua origem não tenha sido definida totalmente, dois episódios podem explicar seu surgimento.

¹⁹ Tradução da autora. “Rape culture is telling girls and women to be careful about what you wear, how you wear it, how you carry yourself, where you walk, when you walk there, with whom you walk, whom you trust, what you do, where you do it, with whom you do it, what you drink, how much you drink, whether you make eye contact, if you're alone, if you're with a stranger, if you're in a group, if you're in a group of strangers, if it's dark, if the area is unfamiliar, if you're carrying something, how you carry it, what kind of shoes you're wearing in case you have to run, what kind of purse you carry, what jewelry you wear, what time it is, what street it is, what environment it is, how many people you sleep with, what kind of people you sleep with, who your friends are, to whom you give your number, who's around when the delivery guy comes, to get an apartment where you can see who's at the door before they can see you, to check before you open the door to the delivery guy, to own a dog or a dog-sound-making machine, to get a roommate, to take self-defense, to always be alert always pay attention always watch your back always be aware of your surroundings and never let your guard down for a moment lest you be sexually assaulted and if you are and didn't follow all the rules it's your fault.” Disponível em: <http://www.shakesville.com/2009/10/rape-culture-101.html> Acesso em: 25/10/2014

O primeiro aconteceu em abril de 2011, em Toronto: durante uma palestra no campus de Direito da York University²⁰, o policial Michael Sanguinetti disse que parte dos estupros que aconteciam nas proximidades se devia ao fato de as mulheres se vestirem como “vadias”: “Vocês sabem, acho que vou se mais direto. Já me disseram que não devo dizer isso, mas enfim, as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias para não se tornarem vítimas”²¹. Como forma de protesto, as mulheres presentes na palestra criaram a primeira manifestação a favor da liberdade da mulher sobre seu corpo, contra os abusos sexuais e o machismo. Cerca de três mil pessoas participaram da marcha, que recebeu o nome de “SlutWalk”. E, desde então, tomou repercussão internacional e aconteceu “em mais de 30 cidades, em diversos países – como Costa Rica, Honduras, México, Nicarágua, Suécia, Nova Zelândia, Inglaterra, Israel, Estados Unidos, Argentina e Brasil”²²

No outro, acontecido início de 2012, Rush Limbaugh, um radialista americano criticou²³, em seu programa, a atitude de Sandra Fluke, uma estudante de direito de Georgetown, nos Estados Unidos, que defendeu em um comitê do Congresso norte-americano que os empregadores garantissem às funcionárias métodos contraceptivos.

“O que dizer da universitária Susan (sic) Fluke, que participou de um comitê do Congresso e, essencialmente, disse que ela deve ser paga para transar? O que isso a torna? Isso a torna uma vadia, certo? Isso faz dela uma prostituta. Ela quer ser paga para transar. Ela está fazendo tanto sexo que não pode pagar pela contracepção. Ela quer que eu e você e todos os contribuintes paguem para ela fazer sexo. E o que isso nos torna? Nós somos os cafetões. Nós somos os clientes. Nós seríamos os clientes — não! Nós não somos os clientes. Bem — é, assim está certo. Cafetão não é a palavra certa. OK, então ela não é uma vadia. Ela é uma rodada. Retiro o que eu disse”²⁴, disse o comunicador.

²⁰ Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-us-canada-13320785> Acesso em: 20/10/2014

²¹ Tradução da autora. "You know, I think we're beating around the bush here," he reportedly told them. "I've been told I'm not supposed to say this - however, women should avoid dressing like sluts in order not to be victimised." Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-us-canada-13320785> Acesso em: 20/10/2014

²² Disponível em: <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/sobre/> Acesso em: 20/10/2014

²³ Disponível em: <http://jezebel.com/5889443/rush-limbaugh-calls-birth-control-advocate-a-whore> Acesso em: 20/10/2014

²⁴ Tradução da autora. “What does it say about the college coed Susan [sic] Fluke, who goes before a congressional committee and essentially says that she must be paid to have sex? What does that make

Posto isso, pode-se observar que a pornografia de revanche é um reflexo da cultura do estupro, pois as mulheres e meninas que são expostas também levam a culpa por terem se deixado filmar e são submetidas ao *slut shamming*, sendo ofendidas gratuitamente. Voltando à Beauvoir, ainda em 1949, ela conclui:

A civilização patriarcal votou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada ao casamento: para ela, o ato carnal, em não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é a falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra; se ‘cede’, se ‘cai’, suscita o desprezo; ao passo que até na censura que se inflige ao seu vencedor há admiração. (BEAUVOIR, 1970, p. 112)

A escritora francesa afirma que, nesse sentido, a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele. Essa diferenciação arbitrária também é perceptível quando percebemos que diversos pares homólogos se perpetuam fazendo referência ao masculino e feminino, respectivamente, como indica Bordieu:

Cabe aos homens, situados do lado exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura ou a colheita, sem falar do homicídio e da guerra, que marcam rupturas no curso ordinário da vida. As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêem ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como cuidado das crianças e dos animais. (BOURDIEU, 2002, p. 18)

Dentre esses binômios, destaca-se agora o par público-privado. O pensamento grego clássico foi a origem desses dois conceitos: a esfera da *pólis* diferenciava-se da esfera do *oikos*, a casa, o local privado. Assim, como indica Judith Butler, “a esfera pública é constituída em parte por aquilo que não se pode ser dito ou mostrado” (BUTLER *apud* ZAGO, 2012). E, ao traçar uma perspectiva histórica, percebe-se que a

her? It makes her a slut, right? It makes her a prostitute. She wants to be paid to have sex. She's having so much sex she can't afford the contraception. She wants you and me and the taxpayers to pay her to have sex. What does that make us? We're the pimps. The johns, that's right. We would be the johns — no! We're not the johns. Well — yeah, that's right. Pimp's not the right word. OK, so, she's not a slut. She's round-heeled. I take it back.” Disponível em: <http://jezebel.com/5889443/rush-limbaugh-calls-birth-control-advocate-a-whore>

Acesso em: 20/10/2014

opressão da mulher está intrinsecamente associada à sua vinculação com o espaço privado. “A propriedade privada aparece: o senhor dos escravos e da terra torna-se também proprietário da mulher. Nisso consiste ‘a grande derrota histórica do século feminino’” (BEAUVOIR, 1967, p. 74). Quando os humanos ainda eram nômades, a igualdade entre os sexos era favorecida, uma vez que a caça e a coleta – funções que cabiam, respectivamente, ao sexo masculino e feminino – tinham igual importância. Mas, a partir do momento que a humanidade se fixou, coube a mulher o espaço do privado, sendo ela a responsável pelo cuidado e perpetuação da família e pela manutenção do patrimônio. Houve, então, um “silenciamento” feminino e a história passou a ser contada a partir do ponto de vista masculino.

Sua cultura histórica, literária, as canções, as lendas com que a embalam são uma exaltação do homem. São os homens que fizeram a Grécia, o Império Romano, a França e todas as nações, que descobriram a terra e inventaram os instrumentos que permitem explorá-la, que a governaram, que a povoaram de estátuas, de quadros e de livros. A literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas, refletem os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens: é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino. A superioridade masculina é esmagadora: Perseu, Hércules, Davi, Aquiles, Lançarote, Duguesclin, Bayard, Napoleão, quantos homens para uma Joana d'Arc; e, por trás desta, perfila-se a grande figura masculina de São Miguel Arcanjo! Nada mais tedioso do que os livros que traçam vidas de mulheres ilustres: são pálidas figuras ao lado dos grandes homens; e em sua maioria banham-se na sombra de algum herói masculino. Eva não foi criada para si mesma e sim como companheira de Adão, e de uma costela dele; na Bíblia há poucas mulheres cujas ações sejam notáveis (Ibidem, p. 55)

Michelle Perrot, escritora e historiadora francesa, também aponta que “até o século XIX, faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído” (PERROT, 1995, p. 13). Ela retoma as obras *La Sorcière* e *Les femmes et la Révolution française*, de Jules Michelet, historiador e filósofo francês, e aponta, que apesar de ele ter sido pioneiro ao afirmar que a relação entre os sexos pode ser compreendida como um dos motores da história, ele falha em certa medida, por reproduzir a ideologia dominante de sua época. As poucas que aparecem relatadas se destacam por sua “beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas” (Ibidem, p. 13).

Segundo ele, a natureza feminina tem dois pólos, um branco e um negro: de um lado, a maternidade, o doméstico; de outro, a superstição, a crueldade, o sangue, a loucura, a histeria. Que as mulheres se ajustem ao primeiro pólo, tudo bem. São, dessa maneira, a pura encarnação do Povo generoso. Inclinando-se elas na direção do segundo, a história perde suas leis e as catástrofes se sucedem. Exemplos: Catarina de Médicis; ou mesmo as "tricoteiras" da Revolução francesa, terminando no Terror (PERROT, 1995, p. 16)

Essa dicotomia pode ser percebida ainda é analisada a linguagem: as expressões “homem público” e “homem do povo” sempre se referiram a um político ou representante importante da sociedade, o que não acontece com “mulher pública” ou “mulher do povo”, que, por muito tempo significaram “prostituta” e apenas com a (ainda diminuta) inserção das mulheres no cenário político recente seu significado foi alterado.

Para a autora, nem mesmo quando historiadores se voltam para o espaço privado, a mulher ganha o papel de sujeito. Para Perrot, “pode-se tratar de família e vida privada sem abordar frontalmente a questão das mulheres enquanto sujeitos da história” (Ibidem, p. 9). No capítulo a seguir, serão analisados os fatores que foram responsáveis por essa mudança.

4 – SEXO PÚBLICO X SEXO PRIVADO

“A mulher ideal deve ser dama na mesa e puta na cama”: a frase atribuída a Nelson Rodrigues, uma das mais polêmicas figuras da literatura brasileira, pode ser considerada uma síntese da relação que foi (e, por vezes, ainda é) estabelecida entre os espaços públicos e privados para a mulher: se em um espaço ela deve ter uma postura mais recatada, deve – o uso do verbo “dever” demarca a imposição dessa diferença – diante do homem, se comportar de maneira contrária. Dessa forma, a frase de Rodrigues retoma a construção de “ídolo e serva”, mencionada anteriormente por Beauvoir, no entanto, de modo mais imperativo. Entretanto, ela também é motor do questionamento principal deste capítulo: com as fronteiras do público e privado cada vez mais estreitas no mundo atual, quais foram os fatores responsáveis para que eles deixassem de ser opostos e se aproximassem?

Segundo Michelle Perrot, somente o feminismo, enquanto movimento social, foi capaz de trazer às mulheres e sua história para o espaço público. Ocorrida na década de 1960, a segunda onda do movimento feminista teve como principais pólos Estados Unidos e França e voltou-se para a dicotomia público-privado e o papel da mulher nesses espaços. De acordo com Ana Alice Costa, pesquisadora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a frase “o pessoal é político”, elaborada pela ativista Carol Hanisch em 1969, em manifesto homônimo, foi uma espécie de lema:

Ao afirmar que “o pessoal é político”, o feminismo traz para o espaço da discussão política as questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado base de todo o pensamento liberal sobre as especificidades da política e do poder político. O movimento ressignificou o poder político e a forma de entender a política ao colocar novos espaços no privado e no doméstico (COSTA *apud* MESQUITA & ARAS, 2012, p.7).

Segundo Susan Moller Okin, filósofa política de Stanford, essa frase foi pensada a partir de um paralelo com as críticas ao liberalismo feitas por estudiosos de Marx:

Desde que Marx escreveu *A questão judaica* e *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, estudiosos de esquerda, focando a categoria de classe e defendendo a existência de uma relação estreita entre poder e práticas políticas e econômicas, expuseram o quanto a dicotomia entre Estado e sociedade, reificada e exagerada pela teoria liberal, serve a funções ideológicas. “O econômico é político” é uma afirmação central ao desafio que a esquerda coloca ao liberalismo.

Paralelamente, as teóricas feministas, focando o gênero e argumentando que poder e práticas políticas e econômicas são estreitamente relacionados às estruturas e práticas da esfera doméstica, expuseram o quanto a dicotomia entre público e doméstico, também reificada e exagerada pela teoria liberal, serve igualmente a funções ideológicas. O slogan feminista correspondente é, obviamente, “o pessoal é político” (OKIN, 2008, p. 318, grifos dela)

A segunda onda do feminismo teve, então, como objeto central de análise as relações entre o mundo público e o privado, partindo da premissa de que aquilo que se vive na vida pessoal e familiar é político. Foram questionadas, por exemplo, as relações familiares, liberdade sexual, a desigualdade salarial e a exclusão feminina dos espaços de poder. Dentre as conquistas desse período, pode-se citar a criação da pílula anticoncepcional: a feminista Margaret Sanger, a milionária Katherine McCormick e o cientista Gregory Pincus uniram-se para garantir que mulheres pudessem ter autonomia sobre seu próprio corpo e, em agosto de 1960, as primeiras pílulas anticoncepcionais começaram a ser vendidas em território norte-americano e tiveram estudos aprimorados a partir de então²⁵. Dessa forma, percebe-se uma nítida mudança entre a primeira e a segunda onda feminista, posto que enquanto a primeira, datada do século XIX, buscou trazer a mulher para o espaço público, garantindo a ela a igualdade de direitos civis, políticos e educativos, a segunda levou o público até questões que antes cabiam somente ao privado – e eram, até então, silenciadas.

Outra perspectiva a ser considerada para o fim da oposição entre público e privado é a crescente influência da tecnologia no cotidiano. Na tese de doutorado e posterior livro *O show do eu*, Paula Sibilia, apresenta questões esclarecedoras a respeito dessa influência e evidencia também as transformações sofridas pela subjetividade, que alteraram não só a relação do sujeito consigo mesmo como também as relações interpessoais.

A lógica da velocidade e do instantâneo que rege as tecnologias informáticas e das telecomunicações, com sua vocação devoradora de tempos e espaços, sugere profundas implicações na experiência cotidiana, na construção das subjetividades e nos relacionamentos sociais e afetivos (SIBILIA, 2007, p. 57).

²⁵ Disponível em: <http://www.dw.de/1960-primeira-p%C3%ADlula-anticoncepcional-chega-ao-mercado/a-611248> Acesso em: 22/10/2014

Inicialmente, a autora faz uma contraposição entre a sociedade industrial do século XIX analisada por Foucault e a atual. Enquanto naquela havia uma rígida separação entre o público e privado, “neste século XXI que ainda está começando, observa-se uma evidente privatização dos espaços públicos e uma crescente publicização do privado” (SIBILIA, 2007, p. 22).

Em tempos mais respeitosos das fronteiras, entretanto, o espaço público era tudo aquilo que ficava do lado de fora quando a porta de casa se fechava — e que sem dúvida merecia ficar lá fora. Já o espaço privado era aquele universo infindável que remanesce do lado de dentro, onde era permitido ser “vivo e patético” à vontade, pois somente entre essas acolhedoras paredes era possível deixar fluir livremente os próprios medos, angústias e outros patetismos considerados íntimos. (Ibidem, p. 62)

Para a pesquisadora, outro dos traços mais “perturbadores” trazidos pelas novas tecnologias é “a peculiar inscrição na fronteira entre o extremamente privado e o absolutamente público” (Ibidem, p. 71). Essa tênue diferença pode ser percebida nos casos de pornografia de revanche, quando o vídeo, que era tido como algo restrito ao parceiro, com apenas um clique, passa a ser compartilhado por milhares de pessoas.

A autora destaca ainda que, no mundo atual, a privacidade, especialmente de pessoas “comuns”, tem ganhado cada vez mais lugar no público, o que explica, entre outras coisas, o fenômeno de programas do tipo reality-shows. Ela afirma:

Em perfeita sintonia, aliás, com outros fenômenos contemporâneos que se propõem a escancarar a minúcia mais “privada” de todas as vidas ou de uma vida qualquer: dos reality-shows às revistas de celebridades, dos talk-shows na televisão à proliferação de documentários em primeira pessoa, do sucesso editorial e fílmico das biografias à crescente importância da imagem nos políticos e em outras figuras públicas. (Ibidem, p. 72)

A partir dessa consideração, pode ser explicado o porquê, cada vez mais, casos de pornografia de revanche são noticiados. Paula Sibilia define a subjetividade anterior à internet a partir do que chama de “*homo psychologicus*”, isto é, um tipo de sujeito voltado para si mesmo e ainda sem influência tecnológica: “o *homo psychologicus* é um tipo de sujeito que organiza sua experiência vital em torno de um eixo situado em sua ‘interioridade’, uma substância etérea e densa, infestada de enigmas e em alguma medida incognoscível” (Ibidem, p. 99, grifos dela). Em “Do homo psico-lógico ao

homo tecno-lógico: a crise da interioridade”, artigo anterior à sua tese, a pesquisadora apresenta a leitura silenciosa e o sucesso dos romances como reflexo dessa nova subjetividade.

A partir dessa popularização da leitura silenciosa e privada, nos séculos posteriores, a literatura floresceu e começou a se converter em um campo fértil para a produção subjetiva. A profusão de relatos impressos que povoou o mundo oferecia aos leitores uma rica fonte de roteiros de subjetivação, a partir da qual podiam tecer identificações com as peripécias e as complexas interioridades dos personagens fictícios. Nesse sentido, como disse o crítico Harold Bloom a respeito da obra de Shakespeare: nós, sujeitos modernos, aprendemos a ser “humanos” com seus personagens, nos reconhecendo nesses modelos dominados por uma profundidade oculta bem no centro da sua “vida interior”. Uma interioridade obscura e impenetrável, que, no entanto, deve ser desvendada laboriosa e dolosamente. (SIBILIA, 2004)²⁶

Dessa forma, o quarto próprio passa a ser visto como uma espécie de refúgio das interferências externas e ali, vertia para o papel suas angústias e desejos. Quanto mais ele escrevia em seu diário íntimo, mais se tornava capaz de conhecer a si mesmo e moldava assim sua subjetividade: “a minha vida só passa a existir como tal, só se converte em Minha Vida, quando ela assume sua natureza narrativa é relatada na primeira pessoa do singular” (SIBILIA, 2007, p. 30).

Assim, em sua tese de doutorado, Sibilía estabelece um paralelo com a obra “Um teto todo seu”, de Virginia Woolf. Para a escritora britânica, o privado, na maior parte das vezes não era sinônimo, para as mulheres, de privacidade. Mesmo a mulher tendo sido confinada à esfera do privado “até os inícios do século XIX, ter um quarto próprio, para não falar de um ambiente realmente tranquilo e sem barulho, era inconcebível” (WOOLF *apud* SIBILIA, 2007, p. 55). Por isso, são raros os registros de mulheres escritoras nessa época.

Inicialmente, pode-se até perceber uma semelhança entre os diários íntimos do passado e os blogs, fotologs e redes sociais da atualidade, no entanto, deve ser também considerado o fato de que o sujeito atual escreve, como propõe a autora, “alterdirigido”,

²⁶ O arquivo da Revista Semiosfera nº7, onde o artigo foi originalmente publicado, não está mais disponível no endereço: http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores/semiosfera07/conteudo_mm_psibilia.htm. No entanto, o artigo encontra-se disponível em: <http://referenciassimpaticas.blogspot.com.br/2010/03/maria-paula-sibilia.html>, sem paginação.

isto é, para que ele se enxergue como sujeito é necessário que os outros o identifiquem como sujeito, seja a partir de comentários ou “likes” em seus escritos e fotos em redes sociais. É necessário aqui, de acordo com a autora, estabelecer um diálogo com Guy Debord e sua “sociedade do espetáculo”. Em 1967, o pensador francês escreveu *A sociedade do espetáculo*, livro em que critica o impacto do crescente influência das imagens nas relações humanas. Escreve Debord:

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. O espetáculo não pode ser compreendido como o abuso de um mundo da visão, o produto da técnicas de difusão maciça das imagens. Ele é uma *Weltanschauung* que se tornou efetiva, materialmente traduzida. É uma visão de mundo que se objetivou. (DEBORD, 2003, p. 14, grifo dele)

Dessa forma, se no passado as posses de uma pessoa eram capazes de mostrar quem ela era, esse papel hoje é dado à aparência. Muito mais do que “ser” ou “ter”, na atualidade é preciso “parecer”, como afirma Sibilia, citando Debord:

Segundo Guy Debord, a primeira fase da “dominação da economia sobre a vida social” entranhou, na definição de toda realização humana, “uma evidente degradação do *ser* em *ter*”. No capitalismo do século XIX, por exemplo, a capacidade de acumular bens e o fato de *possuir* determinados pertences (sejam bibelôs, mansões ou tapetes bordados) podia definir o que se *era*. De algum modo, aqueles objetos que acolchoavam a privacidade individual falavam de *quem se era*. Agora, porém, no atual estágio de “colonização total da vida social pelos resultados acumulados da economia”, na sociedade do espetáculo, enfim, percebe-se “um deslizamento geral do *ter* em *parecer*”. É precisamente desse parecer, dessas aparências e dessa visibilidade que “tudo real ‘*ter*’ deve extrair seu prestígio imediato e sua função última”, concluía Debord. (SIBILIA, 2007, p. 79, grifos dela)

Tais premissas podem ser observadas quando são analisados quatro casos de jovens mulheres que foram vítimas de pornografia de revanche no Brasil em 2013, abordadas no capítulo seguinte.

5 - ANÁLISE DE CASOS

Julia Rebeca, Giana Fabi, Francielle Santos e Thamiris Sato: quatro jovens, cada uma moradora de um estado brasileiro diferente que viram sua intimidade exposta por alguém em quem confiavam. Em todos os casos, as redes sociais estiveram presentes. Mas por que suas histórias tiveram finais diferentes? Por que Julia Rebeca e Giana se suicidaram enquanto Fran e Thamiris vieram a público, ainda que de diferentes formas, para falar sobre o que passaram? Como a nova subjetividade proposta por Sibília pode ser percebida em suas histórias?

5.1 – Julia Rebeca e Giana Fabi: Twitter e suicídio

O *hara kiri* era um tradicional rito praticado pelos extintos soldados da aristocracia japonesa, os samurais, diante da vergonha por ter falhado ao servir seu mestre ou ter cometido qualquer outra desonra. Nele, o samurai deveria suicidar-se em silêncio diante de testemunhas. Apesar de a prática datar de meados do século XII, no Japão, ainda hoje, no Brasil, de acordo com a pesquisadora do GRIS/UFMG (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG) Fernanda Miranda no artigo “Hara kiri, sexualidade e acontecimento”²⁷, é possível, ainda hoje, perceber que a morte é o custo da honra perdida. No entanto, não morrem mais soldados, mas sim jovens mulheres.

Separadas por quase quatro mil quilômetros de distância, Júlia Rebeca, de Parnaíba – cidade no litoral piauiense a 354 quilômetros de distância de Teresina –, e Giana Laura Fabi, de Veranópolis – localizada a 170 quilômetros da capital gaúcha – eram adolescentes comuns. Aos 17 anos, Júlia era fã de rap e da cantora Miley Cyrus, estava no ensino médio, fazia um curso técnico de enfermagem e era a mais velha de três irmãos. Aos 16, Giana ouvia Avril Lavigne, também cursava o ensino médio e um curso de secretariado e gostava de ir para academia com suas amigas. Apesar da semelhança do nome duplo e do cabelo louro, elas nunca se conheceram, mas tiveram os desfechos trágicos de suas vidas cruzados em manchetes de todo Brasil: com uma diferença de quatro dias, cometeram suicídio, após terem vídeos e imagens expostas na internet.

No dia 10 de novembro de 2013, um domingo, a jovem piauiense de 17 anos foi

²⁷ Disponível em: <http://grislab.com.br/hara-kiri-sexualidade-e-acontecimento/> Acesso em: 15/09/2014

encontrada morta pela tia em seu quarto, enrolada no fio da chapinha. Algumas horas antes, ela publicou, em seu perfil do Twitter, uma série de tweets informando que pretendia dar fim a sua vida (“É daqui a pouco que tudo acaba”, “Eu to com medo mas acho que é tchau pra sempre) e no Instagram, uma montagem de fotos dela com a mãe, cuja legenda continha um pedido de desculpas: "Eu te amo, desculpa n ser a filha perfeita mas eu tentei...desculpa desculpa eu te amo muito mãezinha...desculpa desculpa...!! Guarda esse dia 10.11.13". (ANEXO I – FIGURA A)

E foi no Twitter que a adolescente escreveu em primeira pessoa sobre a situação, desde o momento que descobriu que seu vídeo tinha sido compartilhado: no dia 05 de novembro, escreveu, irritada, sobre coisas que as pessoas estariam inventando sobre ela. “Vocês não sabem nem da metade da minha vida pra sair espalhando o que vocês bem entendem”, escreveu ela em caixa alta, recurso que, virtualmente, demonstra irritação. “To afim de estrangular quem tá inventando isso (sic)”, escreveu ela depois, além de diversos tweets com xingamentos. Três dias depois, em 08 de novembro, a raiva já havia se transformado em tristeza, quando ela publica: “Cansei de fingir sorrisos, de fingir que tô feliz quando na verdade por dentro tô despedaçada (sic)”. No mesmo dia, ela levanta a hipótese de “sumir” do mundo: “Queria sumir pra saber quem sentiria minha falta, daí saberia quem são os verdadeiros (sic)”. No dia 09, ela menciona, pela primeira vez, a existência de um vídeo, (“Tenho um vídeo muito louco”) e em momentos depois mostra-se deprimida, escrevendo: “Desisti de tudo faz é tempo, só falta quem tá ao meu redor se tocar”, “Não vou mentir que eu tenho medo das pessoas”, “Tenho auto controle baixíssimo”. (ANEXO I – FIGURA B)

Tudo isso aconteceu porque Julia descobriu que um vídeo com cenas de sexo entre ela, um rapaz e outra adolescente, filmado por ela e compartilhado com o rapaz, vazou pelo aplicativo de bate-papo WhatsApp. Julia era comunicativa e brincalhona, mas nas semanas que antecederam o suicídio estava distante e passava muito tempo usando o celular em sala, de acordo com o que colegas de sala contaram ao Portal G1²⁸. “Ela era muito alegre no início, mas depois ela ficou deprimida. De repente, totalmente retraída”, informou Carliane Silva dos Santos, colega de Júlia. A vergonha diante da provável humilhação não permitiu que a estudante tivesse sequer conversado com a

²⁸Disponível em: <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/11/mae-de-jovem-achada-morta-apos-video-intimo-reclama-de-violacao.html> Acesso em: 15/09/2014

família sobre o ocorrido. A mãe da jovem, Ivânia Salia contou ao Fantástico²⁹ que não sabia o que estava acontecendo com a filha. “Ela não demonstrou nada, nada. Todo adolescente tem o direito de ser adolescente. Eles são inconsequentes mesmo. Essa exposição toda, do vídeo, da imagem da minha filha, é uma violação.”

Depois da morte da jovem, a delegacia regional de Parnaíba localizou um novo vídeo, dessa vez filmado por uma pessoa que não era uma das partes da relação. Nele, Júlia Rebeca não percebe a filmagem porque a gravação é feita em uma espécie de janela aberta na porta do banheiro. Seu parceiro, porém, sabe que a relação sexual está sendo filmada e sorri, com desdém, por três vezes para a câmera. A outra adolescente que aparece no vídeo também tentou cometer suicídio, cinco dias depois da morte de Júlia, mas foi atendida a tempo no pronto-socorro da cidade, com princípio de envenenamento. Os principais suspeitos são os jovens que aparecem ocultos nas duas filmagens, a da relação sexual no banheiro e na relação sexual a três.

Quatro dias depois da morte de Julia Rebeca, no outro extremo do país, na cidade de Veranópolis, Giana Laura Fabi, de 16 anos, foi encontrada em casa, enforcada com um cordão de seda. De acordo com a família, o suicídio teria sido motivado pelas consequências do vazamento uma foto sua mostrando os seios. Com as investigações, autoridades locais descobriram que a imagem foi capturada, seis meses antes, por um rapaz de 17 anos, suposto colega de Giana, durante uma conversa via Skype, na qual ele pediu para que ela tirasse o sutiã. Apesar de negar envolvimento amoroso com a jovem, ele confirmou ter dado um *printscreen* (comando pelo qual você tira uma “foto” a tela do computador) e enviado, mais tarde, a foto de Giana para quatro amigos.

Quando a foto viralizou, uma amiga da adolescente que recebeu a foto, alertou Giana, que ficou transtornada. Na mesma tarde, segundo o delegado responsável pelo caso, a mesma amiga viu um tweet de Giana em que ela dizia que daria um fim à própria vida para não ser um estorvo para ninguém (“hoje de tarde eu dou um jeito nisso. não vou ser mais estorvo pra ninguém”). Ela tentou diversas vezes falar com Giana por telefone, mas ninguém atendeu. Giana, assim como Julia Rebeca, usou o Twitter como uma espécie de diário: na rede social da menina, é possível ainda achar indícios de que ela estava sofrendo com a pressão social, quando tuitou uma frase de indignação: “Já deu pra meio veranopolis e querem fala algo por causa de uma merda de print pfff” (ANEXO I – FIGURA C). Giana não conversou com a família sobre a

²⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/11/nao-tenho-mais-vida-diz-fran-sobre-video-intimo-compartilhado-na-web.html> Acesso em: 15/09/2014

exposição indevida de suas fotos. Em entrevista à época, ao jornal Folha de São Paulo³⁰, Marcos Gilmar Fabi, motorista, de 48 anos, perguntava-se: "Por que acabar assim com a própria vida? Por uma coisa tão pequena?"

Julia e Giana não estão sozinhas: de acordo com uma série de estudos publicada no periódico "Lancet" e divulgados em reportagem da Folha de São Paulo³¹, o suicídio é a primeira causa de morte entre meninas de 15 a 19 anos. No Brasil, o suicídio é a terceira causa de morte entre jovens, atrás de acidentes e homicídios: são 24 suicídios por dia, a cada uma hora, um jovem comete suicídio. Em *O suicídio*, uma das obras basilares sobre o tema, o sociólogo francês Émile Durkheim define o suicídio como "antes de tudo, o ato de desespero de um homem que não faz mais questão de viver" (DURKHEIM, 2000, p. 13).

Apesar de ter sido originalmente publicado e ter alguns pontos que podem ser considerados datados pela diferença de mais de um século, o livro permite que sejam feitas considerações interessantes sobre suicídio. Para fazer uma espécie de "raio-x" desse tipo de morte, o sociólogo buscou saber as razões pelas quais os indivíduos cometiam suicídio: depois de refutar a perspectiva biológica, segundo a qual algumas regiões do mundo teriam números maiores que outras, ele faz uma análise social. E, de acordo com os resultados por ele obtidos, nas populações da França e Saxônia entre 1856 e 1878, percebe-se que à exceção de casos de "doenças mentais" e "loucura religiosa", a maioria das mulheres cometia suicídio por "desgosto da família", "amor, ciúmes, devassidão e má conduta", ou "remorso, medo de perseguições" (Ibidem, p. 172), fatores que estão ligados também a morte de Julia Rebeca e de Giana, em 2013. Para Durkheim, "a sociedade, portanto, pesa sobre o indivíduo para levá-lo a se destruir" (Ibidem, p. 273).

E, com o aparecimento das redes sociais, esse "peso" mencionado pelo sociólogo francês foi multiplicado a ponto de se tornarem o que o jornalista Pedro Katchamborian denomina, em artigo publicado no Youpíx³², "broadcasting do fim", ou

³⁰ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/141636-julia-17-e-giana-16-tiveram-imagens-intimas-divulgadas.shtml> Acesso em: 01/11/2014

³¹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/1108498-suicidio-e-a-segunda-maior-caoa-de-morte-entre-jovens-no-mundo.shtml> Acesso em: 01/11/2014

³² Disponível em: <http://youpix.virgula.uol.com.br/comportamento/internet-suicidio-cartas/> Acesso em: 01/11/2014

seja, o anúncio do suicídio pelas redes sociais, principalmente pelo Twitter.

De acordo com a revista americana *The Kernel*³³, um estudo publicado no jornal norte-americano de estudos psiquiátricos “Crisis” e denominado “Tracking Suicide Risk Factors Through Twitter” (em tradução livre, Rastreamento de fatores de risco de suicídio através do Twitter), analisou mais de 1,5 milhões de tweets de usuários dos Estados Unidos e identificou 37 mil usuários considerados com “comportamento de risco”. Para serem assim considerados, os pesquisadores buscavam por frases como “Me sinto ofendido”, “depressivo” ou “vazio”, evidências de problemas familiares ou de auto-mutilação. A partir disso, foram comparados os números de tweets que continham comportamento de risco e o número de suicídios por estado.

Descobriram, então, que os números eram coincidentes: os estados de onde vieram a maioria dos tweets eram também aqueles com mais altas taxas de suicídio, o que elimina a hipótese de que os registros feitos são apenas encenações feitas por pessoas que queriam chamar a atenção. Quando questionado, Josh West, um dos pesquisadores envolvidos, afirmou que apesar de resultados não foram inesperados, o número de tweets de comportamento de risco foi considerado alto: “Nós não estávamos surpresos com a semelhança desses padrões com as taxas de suicídio, só não esperávamos que fossem tantos”³⁴. Para a reflexão prosseguir, vale, entretanto, uma breve explicação sobre o funcionamento do mesmo e de sua diferença para as demais redes sociais.

Criado em 2006 pelos americanos Evan Willians, Jack Dorsey e Biz Stone, o Twitter totaliza hoje mais de 284 milhões de usuários ativos, com uma média de meio bilhão de mensagens trocadas diariamente por usuários de todo o mundo, de acordo com informações da companhia³⁵. Em inglês, “twitter” significa a emissão de uma sequência de sons feitas pelos pássaros (chilreio). “No mundo animal, esses sons têm a função de atrair outros seres da mesma raça/bando, para acasalamento, por exemplo.” (VIERA *apud* SANTORO & GONÇALVES, 2011, p. 64). Dessa forma, foi feita uma analogia entre a comunicação animal e a humana. Os mecanismos de funcionamento da

³³ Disponível em: <http://kernelmag.dailydot.com/features/report/6451/what-suicide-notes-look-like-in-the-social-media-age/> Acesso em: 01/11/2014

³⁴ Tradução da autora. “We weren’t really surprised that these patterns held out to suicide rates, but we didn’t expect the patterns to be so strong.” Disponível em: <http://kernelmag.dailydot.com/features/report/6451/what-suicide-notes-look-like-in-the-social-media-age/#sthash.gZQVZbVd.dpuf> Acesso em: 01/11/2014

³⁵ Disponível em: <https://about.twitter.com/company> Acesso em: 15/09/2014

rede social são simples, como explicam, em artigo publicado na Intercom, os pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba:

Os atos de follow (seguir) são a base do Twitter. Você pode seguir inúmeros perfis e com isso visualizará em sua home (página inicial) todos os tweets de quem você está following (seguindo). Ao passo que cada usuário pode ser também seguido, ou seja, ter uma lista (ou várias, no caso dos hubs³⁶) de followers. Seus seguidores também visualizarão seus tweets. Além dos tweets existem os retweets e os replies. Para repassar uma informação aos seus seguidores você usa o retweet (RT). E para responder a um tweet usa-se o reply. (SOUTO *et alli*, 2010, p.3)

Outra característica própria do Twitter é a delimitação de caracteres: motivados pelo slogan “O que está acontecendo?”, os usuários devem escrever até apenas 140 caracteres o que estão pensando ou sentindo. Por isso, é chamado de microblogging, o que torna o ritmo dele diferenciado das demais redes, com os caracteres limitados, os usuários escrevem mais e sequencialmente:

Comparado ao blog comum, o microblogging satisfaz a necessidade de um modo de comunicação ainda mais rápido. Encorajando posts menores, ele diminui o gasto de tempo e o pensamento investido para a geração de conteúdo. Além de gerar conteúdo, o usuário pode compartilhar links de vídeos ou de páginas da Web que tenham um conteúdo interessante e que o usuário acredite ser relevante para seus seguidores. (TELLES *apud* ROCHA, 2010, p. 31)

No Brasil, foi a partir de 2009 que a rede social ganhou destaque: de acordo com relatório divulgado pela consultoria comScore³⁷ em junho de 2010 o Twitter teve, no Brasil, a segunda maior penetração do mundo, atrás somente dos EUA. Foi também nesse período que Giana e Julia criaram suas contas, como mostram seus perfis, ativos até hoje: o usuário @coejuju, de Julia Rebeca, participava desde agosto de 2009, e @Giuh_Fabi, desde de novembro de 2011 (ANEXO I – FIGURA D). Aproximadamente 20,5% dos internautas brasileiros com 15 anos de idade ou mais acessaram a páginas do serviço de microblogging de casa ou do trabalho, segundo dados da companhia

³⁶ “*Hub* é aquela pessoa que possui vários seguidores, que possui um grau elevado de conexões entre eles” (SOUTO *et alli*, 2010, p.3, grifos deles.)

³⁷ Disponível em: <http://atl.clicrbs.com.br/infosfera/2010/08/11/brasil-e-o-segundo-pais-em-que-o-twitter-tem-maior-penetracao/> Acesso em: 15/09/2014.

comScore divulgados nos Estados Unidos³⁸. Outra pesquisa, realizada em 2009 pelo site especializado Twitter Central³⁹ revelou que 57,7% dos usuários têm entre 15 e 24 anos e 24,9%, entre 25 a 30 anos. Entre 31 e mais de 55 anos, somam-se apenas cerca de 17% dos usuários. De modo diferente ao que acontece com outras redes sociais, como o Facebook, cujo público abrange diversas faixas etárias e tem apresentado crescimento na terceira idade⁴⁰, percebe-se que se trata de uma rede social majoritariamente jovem.

Com 16 e 17 anos, Giana e Julia faziam parte dessa maioria. Viviam a adolescência, período de muitas transformações, no qual o indivíduo mostra-se muito mais exposto ao julgamento alheio, pois pretende buscar autonomia frente à família e criar sua própria personalidade. Para o adolescente, é importante ser aceito e valorizado em seus grupos sociais. Para Cabete e Esteves, pesquisadoras de psicologia clínica, vive-se, na adolescência, uma fase de descobertas sexuais, “um período onde se constrói uma identidade do corpo, que se vai transformando em sexualmente identificável, através da identificação e projeção, o que implica em ‘ser eu sendo outro, ser outro não sendo eu’” (CABETE & ESTEVES, 2009, p. 264). Para explicar os fatores que levam os adolescentes a cometer suicídio, elas recorrem a Moses Laufer, estudioso canadense de referência em psicologia adolescente:

O sentimento do adolescente como sendo sexualmente anormal, independentemente do início ou não da relação sexual, de seguida o medo da submersão, isto porque, as experiências de intimidade e dependência, por muito que sejam ansiadas, são sentidas como ameaçadoras do sentido frágil destes adolescentes. Os medos de abandono podiam significar que qualquer separação poderia significar uma rejeição, provocando intensos sentimentos de auto-rebaixamento e ódio de si, por último, a intolerância a afectos dolorosos provenientes das dificuldades de separação/individuação precoces. Os adolescentes sentem que não são capazes de funcionar independentemente dos pais o que provocava sentimentos de vergonha, humilhação, perda de poder, raiva e medos de loucura. Deste modo, o seu corpo é identificado como causador de sentimentos aterradores e humilhantes. (LAUFER *apud* CABETE & ESTEVES, 2009, p. 267)

³⁸ Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/internet/mais-de-20-dos-internautas-brasileiros-acessam-o-twitter,8c98d882519ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> Acesso em: 15/09/2014

³⁹ Disponível em: <http://twittercentral.com.br/censobr/> Acesso em: 29/09/2014

⁴⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/01/terceira-idade-e-o-novo-publico-do-facebook-nos-eua-diz-pesquisa.html> Acesso em: 15/09/2014

Por morarem em cidades do interior – de acordo com o Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, Parnaíba tem cerca de 145 mil habitantes⁴¹ e Veranópolis, pouco mais de 22 mil⁴², populações consideravelmente menores que as capitais Goiânia e São Paulo, onde residem Francielle e Thamiris, respectivamente – a piauiense Julia e a gaúcha Giana viram o impacto da pornografia de revanche ser potencializado e, diante de comentários maldosos e julgamentos, enxergaram no Twitter uma forma de desabafar, de falar sobre seus medos e angústias, uma espécie de confessionário pós-moderno, como é indicado por Sibília:

os novos “gêneros confessionais” que hoje proliferam na Internet evidenciam um deslocamento do eixo espacial em torno do qual as subjetividades modernas se construía: um abandono daquele lócus interior em direção a uma gradativa exteriorização do eu. (SIBILIA, 2007, p. 103)

Nos dois casos, o Twitter foi uma maneira de falar sobre o que viviam fazendo que, simultaneamente, todos vissem sem ninguém ter visto. Todos viram porque o registro de ambas as contas não era privado e, por isso, usuários de todo o mundo conseguem, até hoje, ler o que as meninas escreveram. Mas, ao mesmo tempo ninguém viu, porque os seguidores e familiares de Julia e Giana não conseguiram agir a tempo de evitar o suicídio.

5.2 – Denúncia, anonimato e “memetização” no Instagram

Francielle dos Santos também foi vítima de pornografia de revanche. Aos 19 anos e mãe de uma menina de dois anos, a moradora de Goiânia viu sua intimidade compartilhada em outubro de 2013: no “vídeo da Fran”, como ficou conhecido o material, ela foi filmada durante as relações sexuais, ao mesmo tempo em que dizia palavras para excitar seu companheiro. Em entrevista ao programa “A Liga”⁴³, da Band,

⁴¹ Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=220770&search=%7C%7Cinfor%Elficos:-dados-gerais-do-munic%EDpio> Acesso em: 01/10/2014

⁴² Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=432280> Acesso em: 01/10/2014

⁴³ Disponível em: <http://entretenimento.band.uol.com.br/aliga/episodio/100000682652/15033610/parte-2-cale-conversa-com-fran-vitima-de-vazamento-de-imagens.html> Acesso em: 01/10/2014

Fran contou que o responsável pela publicação do material foi um ex-companheiro, com quem teve uma longa relação. Eles se conheceram através de amigos em comum, e ele, apesar de namorar outra mulher, disse que era solteiro.

Na entrevista, ela relatou que o relacionamento dos dois era conturbado, com traições de ambos os lados, e após Fran descobrir a gravidez, ele se afastou, alegando não ser o pai da criança. Alguns meses depois do nascimento no bebê, o casal voltou a se encontrar, por insistência do rapaz e, quando iam para cama, começou a pedir para as relações serem filmadas. No começo, Francielle foi contrária, mas como o companheiro mostrou para ela que estavam sendo armazenados em uma pasta no celular em que só ele tinha acesso, confiou. No dia em que foi filmado o vídeo que se multiplicou na Internet, o casal teve uma discussão e ela rompeu a relação, afirmando que nunca mais queria vê-lo. Ele chegou a mandar algumas mensagens, que não foram respondidas por Fran. Ao ser ignorado, postou quatro vídeos e junto com eles, o perfil do Facebook e o telefone de Francielle. “Dormi, acordei e minha vida estava de cabeça para baixo”, afirmou ela.

Ao contrário de Julia e Giana, Fran não cometeu suicídio. Ela registrou um boletim de ocorrência contra o ex-companheiro, de 22 anos, na Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher, em sua cidade, dias antes do conteúdo do vídeo se tornar viral. Para evitar a exposição, Fran, que trabalhava como vendedora em uma loja de roupas femininas, afastou-se temporariamente do emprego e mudou o corte e a cor do cabelo. De acordo com as investigações, os vídeos se multiplicaram na rede depois que o autor os compartilhou com amigos via WhatsApp.

Segundo a delegada responsável pelo caso, Ana Elisa Gomes Martins, uma das coisas que mais interferiu na denúncia de Francielle foi perceber que não só ela, como também a filha estava sendo exposta, em função de um print da página dela no Facebook, onde a menina aparecia. Ao invés do silêncio e de buscar a morte, Fran preferiu aparecer em diversos veículos, ainda que com o rosto preservado. Ao fazer isso, ela mostrou que, era necessário mostrar que ela era a vítima e não culpada pela situação, por maior que fosse o constrangimento sofrido. E, no “caso Fran”, tal constrangimento não se deu apenas pela divulgação do vídeo íntimo, mas pela repercussão de um gesto feito por ela durante a gravação: como no vídeo a jovem fazia, com as mãos, o sinal de ok, indicando que toparia fazer sexo anal com o companheiro, ele se tornou um meme no Instagram. Para explicar como aconteceu essa “memetização”, é necessário esclarecer mais sobre a rede social e também sobre o conceito de meme.

Em fevereiro de 2010⁴⁴, o brasileiro Mike Krieger e o norte-americano Kevin Systrom criaram o Burbn, um aplicativo que permitia a usuários do sistema iOS, da Apple, tirar fotos, fazer *check-ins*⁴⁵ e listar planos para o final de semana. Apesar de ser considerado uma plataforma difícil para os usuários, os inventores conseguiram atrair US\$ 500 mil de investidores. Com esse montante, em outubro do mesmo ano, o Burbn foi adaptado e se transformou no Instagram, que aplica filtros às imagens, permitindo sua edição, e as compartilha em outras redes sociais, como Facebook e o Twitter.

Nele, é possível também curtir e comentar fotos das pessoas que o usuário segue, em um mecanismo semelhante ao do Twitter, já mencionado no trabalho. Através do uso de hashtags (#), as imagens são agrupadas quando qualquer um dos mais de 200 milhões de usuários do Instagram realiza a busca. Por exemplo, se usuário busca dicas de alimentação saudável, ao buscar por #alimentacaosaudavel, ele poderá ver fotos postadas por usuários de todo o mundo sobre o tema. Ele também pode, ao postar uma foto sua, inserir essa hashtag, para que seu conteúdo fique visível quando outros usuários façam essa busca.

Já o conceito de meme origina-se da biologia: em 1976, o zoólogo britânico Richard Dawkins usou pela primeira vez a palavra em seu livro *O gene egoísta*. Nele, o estudioso retoma a abordagem evolucionista de Darwin e propõe, de acordo com Raquel Recuero, doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisadora do tema, que “a evolução cultural com a evolução genética, onde o meme é o ‘gene’ da cultura, que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas” (RECUERO, 2006, p. 2). De acordo com Dawkins:

Um ‘meme de idéia’ pode ser definido como uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro para outro. O meme da teoria de Darwin, portanto, é o fundamento essencial da idéia de que é compartilhado por todos os cérebros que a compreendem (DAWKINS *apud* RECUERO, 2006, p. 2)

Para o autor britânico, o meme tem três características essenciais: a longevidade, a fecundidade e a fidelidade das cópias. “A longevidade é a capacidade do meme de

⁴⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/entenda-curta-historia-do-instagram-comprado-pelo-facebook.html> Acesso em: 15/09/2014

⁴⁵ “Quando você faz *check-in* em um lugar, você compartilha sua localização com seus contatos publicando-a em uma ou mais de suas redes sociais” Disponível em: <http://www.windowsphone.com/pt-br/how-to/wp7/people/post-to-facebook-and-windows-live> Acesso em: 15/09/2014

permanecer no tempo. A fecundidade é sua capacidade de gerar cópias. Por fim, a fidelidade é a capacidade de gerar cópias com maior semelhança ao meme original” (RECUERO, 2006, p. 2).

O primeiro registro de da palavra meme na internet foi em 1998, quando o americano Joshua Schachter criou o site “Memepool”, no qual estavam links e vídeos da internet que fizeram sucesso. A partir da associação do termo com a internet, a gaúcha Raquel Recuero propõe uma taxonomia desse tipo de conteúdo, categorizando-os a partir das três características propostas por Dawkins e acrescentando o alcance como nova característica a ser analisada, pois, para a autora:

Isso porque redes sociais são conjuntos de redes interconectadas, onde laços fortes e fracos (GRANOVETTER, 1973) conectam indivíduos através da interação social. Assim, a distância é um elemento que frequentemente compõe o estudo dessas redes, associada à proximidade ou ao distanciamento entre os indivíduos entre si (Ibidem, p. 2).

Para Recuero, a fidelidade de um meme é garantida quando, apesar da propagação dele, seu significado sofre pouca variação. “Quanto menor a variação da idéia inicial, maior a fidelidade da cópia” (Ibidem, p. 3). Nessa categoria, eles podem ser classificados em replicadores – quando o conteúdo replicado tem “alta fidelidade” com o seu original e como principal intuito informar –, metamórficos – quando o original é totalmente reinterpretado na replicação – e miméticos, que mantém sua forma, mas a intenção de sua propagação é alterada.

Categorizando os memes em relação à longevidade, isto é, à duração dos mesmos, a pesquisadora os divide em dois tipos: persistentes e voláteis. Respectivamente são aqueles que permanecem sendo replicados por muito tempo e aqueles que tem um curto período de propagação, caindo no esquecimento após um determinado período de tempo. Para Recuero, a segunda categoria é a mais comum e pode ser associada à memes metamórficos: “Memes voláteis parecem ser associadas com memes metamorfos uma vez que seu desaparecimento não precisa representar o fim do meme, mas meramente, uma transformação do mesmo em outro” (Ibidem, p. 2)

Dawkins também classifica os memes em relação à sua fecundidade, isto é, “à quantidade de replicações de um meme e sua rapidez” (HEYLIGHEN, BLACKMORE e DAWKINS *apud* RECUERO, 2006, p. 26). Nesta categoria, eles dividem-se em epidêmicos e fecundos: estes se espalham pouco e precisam se transformar em outros

memes para sobreviver, já aqueles, como o próprio nome supõe, se espalham com grande facilidade. Ao observar o impacto dos memes nas redes sociais, Recuero propõe que, além dos aspectos propostos pelo estudioso britânico, eles sejam categorizados também por seu alcance, dividindo-se entre globais e locais. Memes globais são aqueles que alcançam pessoas que não possuem uma interação social direta. Já os memes locais alcançam menos pessoas, mas estabelecem um vínculo mais forte entre elas, “são memes que são propagados por pessoas que estão mais próximas e que interagem com mais frequência” (RECUERO, 2006, p. 5). Vale salientar que todas as categorias não são definitivas, ou seja, um meme que antes era local, pode se tornar global, dependendo de sua repercussão.

A primeira usuária do Instagram a usar #forcafran nas fotos foi @mechamofabi, estudante de jornalismo que propôs que fosse iniciada uma campanha de apoio à Fran, em que as pessoas utilizariam a hashtag para protestar contra o machismo. Na foto postada, a usuária questionou seus seguidores, perguntando a eles se, caso o vídeo ofendesse a um homem, ele teria a mesma repercussão (ANEXO I – FIGURA E). No entanto, o alerta logo se transformou em deboche. Até novembro de 2014, foram mais de 4,8 mil postagens que não se mostram solidárias a vítima e, pelo contrário, fazem do gesto, motivo de piada. Nas fotos marcadas com a hashtag, aparecem amigos reunidos em festas, mulheres juntas em barzinhos e até mesmo crianças que, sorrindo ou às gargalhadas, fazem o gesto e com legendas como “kkkk” (que expressa um tipo de risada virtual) ou “sorte do dia: você não é a Fran” (ANEXO I – FIGURA F). Quando postadas por mulheres, as risadas virtuais acompanhadas de sorrisos nas fotos têm certo ar de “como ela foi tão burra e capaz de fazer isso? Eu não sou”. Como espécie de resposta, foi criada a hashtag #apoiofran (ANEXO I – FIGURA G), pela qual usuários tentaram protestar sobre a multiplicação da hashtag anterior, mas essa iniciativa não teve sucesso, foram compartilhadas apenas 82 imagens, até novembro de 2014.

Dessa forma, o meme do “caso Fran” pode ser considerado, de acordo com os padrões propostos por Dawkins e analisados por Recuero, como mimético, porque teve sua forma (o sinal de ok) mantida, mas ela foi descontextualizada e perpetuada sem sua crítica original. É também volátil, porque a maioria das publicações aconteceu entre outubro e dezembro de 2013 e não persistiu, e epidêmico, pois se espalhou rapidamente. Em relação ao alcance, é local, porque se restringiu ao Brasil e era replicado por pessoas que viam seus amigos fazendo o mesmo.

Fran, ao contrário de Julia e Giana, não utilizou as redes sociais para falar sobre o acontecido, talvez como uma forma de proteção, mas foi amplamente mencionada nas mesmas. Em *O show do eu*, Sibilia afirma que a sociedade está se tornando cada vez mais visual, o que explica a multiplicação de postagens sobre o que aconteceu com Francielle.

Seja como for, em um ponto todos parecem concordar: neste novo contexto, as pessoas estão se tornando “mais visuais do que verbais”. No compasso de uma cultura cada vez mais ancorada em imagens, desmonta-se o velho império da palavra, e proliferam fenômenos como os que estão no alvo desta tese, nos quais a lógica da visibilidade e o mercado das aparências desempenham papéis primordiais na construção de si e da própria vida como um relato. Não convém esquecer, porém, que isso ocorre em meio a um grau de espetacularização cotidiana que talvez nem o próprio Debord teria ousado imaginar. (SIBILIA, 2007, p. 48)

5.3 – Facebook e o relato em primeira pessoa: Thamiris Sato

O último caso tratado no trabalho é aconteceu em novembro de 2013, quando a estudante de Letras da USP Thamiris Sato viu sua privacidade exposta pelo ex-namorado. Mas ao contrário das outras vítimas, ela preferiu falar publicamente e em primeira pessoa sobre o assunto. Para isso, utilizou a mesma rede social na qual suas fotos foram divulgadas: o Facebook. Ela escreveu:

O que eu vou escrever agora me deixa extremamente desconfortável. Eu não queria esse tipo de exposição, mas depois de ter toda a minha intimidade exposta pelo meu ex- ex-namorado Kristian Krastanov, e receber mais de 100 mensagens de pessoas desconhecidas, vou dar uma única resposta (SATO,2013)⁴⁶

No relato (ANEXO II), ela conta que o namoro era fonte de problemas para ela, com brigas constantes e diversas idas e vindas. Quando terminaram o namoro, em julho de 2013, Kristian começou a fazer ameaças, afirmando que colocaria fotos e vídeos de Thamiris na internet. Como o tom das intimidações aumentou e Kristian chegou a ameaçá-la de morte, ela fez um boletim de ocorrência em uma delegacia da mulher. Inconformado, o ex-namorado conseguiu hackear o e-mail acadêmico de Thamiris e

⁴⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/mayumi-sato/meu-desabafo-como-v%C3%ADtima-de-revenge-porn/10202534957564551> Acesso em: 01/10/2014

criou diversos perfis falsos em redes sociais, pelos quais enviava mensagens hostis para ela. Quando conseguiu recuperar a senha do e-mail da universidade, Thamiris viu que ele havia criado também um perfil se passando por ela em um site pornô. E-mails e SMS se tornaram constantes, “de 20 passaram pro ápice dos 400 em questão de alguns meses”, contou a estudante na sua rede social.

Na madrugada de 31 de outubro de 2013, ele espalhou uma foto de Thamiris nua junto com o endereço de perfil do Facebook. Em uma noite, ela recebeu “umas 40 solicitações de amizade de desconhecidos e algumas mensagens indesejadas”. Naquela que considera “a pior madrugada” da sua vida, Thamiris conta que chorou por muito tempo, mas também foi capaz de coletar todas as evidências possíveis para provar que havia sido vítima de um crime e, em seguida, desativou o Facebook. Mas precisou reativá-lo, pois ele era o único canal de comunicação entre ela e outras pessoas de seu cotidiano.

No dia 15 de novembro, Thamiris viu a situação se repetir: dessa vez, eram mais de 70 mensagens. E o problema era ainda maior: diversas fotos dela estavam disponíveis para download completo, além de circularem em blogs de pornografia e no Whatsapp. Ela tentou falar com a família de Kristian, todos ficaram ao lado do rapaz e ainda a acusaram de decepcioná-los com suas atitudes.

De todas as redes sociais apresentadas até agora no trabalho, o Facebook é a que tem maior público: de acordo com o relatório divulgado⁴⁷ pela empresa em outubro de 2014, existem 1,35 bilhão de usuários ativos (aqueles que acessam a rede social ao menos uma vez por mês), o que representa um crescimento de 14% em relação ao ano anterior. Inicialmente criado pelo estudante de psicologia em Harvard Mark Zuckerg e seus colegas de quarto, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz, Andrew McCollum e Chris Hughes para avaliar os estudantes das nove casas da universidade, a rede social tem hoje como “missão”, segundo o seu próprio perfil na rede soicial⁴⁸, “dar às pessoas o poder de compartilhar informações e fazer do mundo um lugar mais aberto e conectado”

Teria sido essa popularidade um fator relevante para Thamiris publicar a nota? Porque ela optou pelo Facebook? Para responder essas perguntas, foi realizada uma entrevista, pela própria rede social com a jovem (ANEXO III). Segundo Thamiris, a

⁴⁷ Disponível em: <http://investor.fb.com/releasedetail.cfm?ReleaseID=878726> Acesso em: 07/11/2014

⁴⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/FacebookBrasil/info> Acesso em: 07/11/2014

escolha por escrever uma nota pública no Facebook aconteceu porque era através dele que as pessoas, após terem visto a foto, a abordavam.

Não tem segredo. Eu escrevi as coisas no Facebook porque era o lugar que o K (*modo pelo qual ela trata Kristian, o ex-namorado*) cometia os delitos dele e a partir disso muita gente vinha me encher o saco. As pessoas que me mandavam mensagem eram de grupos do Facebook, do tipo criado para compartilhar fotos como as minhas. Eram mensagens indesejadas e eu fiz aquele texto porque tava de saco cheio. Não escrevi para os meus amigos. Escrevi público para as pessoas pararem de me mandar mensagens. Muita gente vinha me zoar e me xingar, mandavam de volta pra mim as minhas fotos nua. Outros vinham avisar sobre o ocorrido e dar palpites ou conselhos ou sabedorias de vida. (SATO, 2014)⁴⁹

Questionada sobre como havia encontrado coragem diante de tantos julgamentos, a estudante atribuiu aos sentimentos causados nela pelo ex-namorado.

Talvez eu tenha tirado (*a coragem*) do ódio, da raiva que senti dele. Ódio dos conselhos das pessoas, falando para eu mudar de cidade, mudar de vida, parar de sair. É ser refém de um medo para seu "próprio bem". Ódio de todos os caras (e mulheres às vezes) que "vazam" fotos de outras por motivos torpes e se tornam assassinos, porque eu acho assassinato quando a menina se suicida por isso e o cara não vai nem preso. (SATO, 2014)

E se a intenção de Kristian era magoá-la e fazer com que assim, buscasse o isolamento ou até mesmo a morte, ela reagiu fazendo justamente o contrário. “Ele achou que pelo anonimato da Internet ia conseguir me ferrar, mas ferrou a própria vida.” (SATO, 2014). No conteúdo disponível no Facebook, ela escreve:

Nos meus momentos mais egoístas, eu admito que é muito atraente a ideia de cortar meus pulsos ou tomar todos os comprimidos que eu encontrar com alguma bebida alcoólica bem forte. Mas eu não vou te dar esse gosto da vitória. Ainda que neste momento eu seja parte das estatísticas das vítimas de ex-namorados imaturos, eu nunca serei parte das que se suicidam por causa disso. Algum dia eu vou parar de chorar o tempo todo, eu vou recuperar as minhas forças, e mesmo que a justiça ainda seja falha no quesito de crimes virtuais desse tipo, estamos caminhando para leis melhores. O que você fez comigo eu não vou perdoar nunca. (SATO, 2013)

A repercussão da publicação surpreendeu a estudante: até 09 de novembro de 2014, haviam sido realizados 2,816 compartilhamentos (recurso pelo qual o usuário

⁴⁹ Entrevista realizada pela autora

replica, aos seus amigos, algum conteúdo de qualquer página na rede social) e diversos usuários foram conversar com ela sobre o episódio:

Só fiquei feliz com repercussão quando recebia mensagens vez ou outra de mulheres que encontraram força no relato. Ou homens que diziam ter aberto os olhos para essa questão...Que viam as fotos desse tipo "caiu na net", mas nunca pensaram que a menina podia ter sofrido muita ameaça e chantagem até aquilo ser exposto. (SATO, 2014)

A reação de todas as meninas e especialmente o comportamento de Thamiris apontam para outro traço de uma nova subjetividade: no artigo “Pós-feminismo e cultura popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero contemporâneo”, Angela McRobbie, especialista nas relações entre mídia contemporânea e feminismo e professora da Universidade de Londres, apresenta o conceito de “modernidade reflexiva”, proposto pelos sociólogos Anthony Giddens e Ulrich Beck. Nas palavras de McRobbie:

Ambos os autores fornecem uma visão sociológica da dinâmica de mudança social entendida como ‘modernização reflexiva’. O período anterior de modernização (primeira modernidade) criou um estado de bem-estar e instituições tais como o sistema educacional, que permitiram que as pessoas na ‘segunda modernidade’ se tornassem mais independentes e capazes, por exemplo, de ganhar sua própria vida. (MCROBBIE, 2006, p.7)

Cabe, assim, a esse novo sujeito decidir qual é tipo de vida que vai levar e, por isso, popularizam-se, de acordo com a pesquisadora britânica, “manuais de auto-ajuda, consultores pessoais, guias de estilo de vida, gurus e todos os tipos de programas de TV autoincentivadores” (Ibidem, p. 7), tornando, cada vez mais, autônomo. É preciso ter um plano de vida e saber administrar o que acontece nela, mesmo diante de algo tão grave como pornografia de vingança.

6. CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto no trabalho, é possível perceber um crescimento no número de casos de pornografia de vingança, no entanto, o mesmo não pode ser percebido com os estudos a respeito do tema. Se nos Estados Unidos é possível perceber um crescimento recente – ainda que pequeno – de análises sobre o assunto, especialmente no Brasil, ainda são raros os apontamentos teóricos sobre o tema e a problematização da pornografia de vingança como mecanismo opressor e violência de gênero. A maioria dos estudos brasileiros restringe-se à área de Direito e ao estudo da criminalização do tema, o que não deve ser considerado nocivo, mas é, de certo modo, insuficiente. Isso porque não basta apenas criminalizar aquele que publica o material, é preciso popularizar entre as pessoas, principalmente, entre os jovens e as crianças, a percepção de que a sexualidade – e de modo especial a feminina – não deve ser combatida e regrada de modo diferenciado. O sexo e o corpo nu da mulher não devem ser vistos como algo tão vergonhoso que leve ao suicídio, como aconteceu com Julia e Giana. A liberdade sexual da mulher não deve motivar piadas, como aconteceu com Fran, e chantagens, a exemplo de Thamiris.

Na análise dos casos, foi possível perceber de que modo as novas ferramentas tecnológicas influenciaram o surgimento de uma nova subjetividade. A busca pela instantaneidade aproximou Julia e Giana do Twitter, já no caso de Fran, a memetização de um gesto feito pela jovem em vídeo íntimo mostrou a força que as imagens têm na atualidade - e como elas podem ser reinterpretadas e descontextualizadas. Com Thamiris, é possível perceber o quão importante se tornou a escrita de si de modo alterdirigido, isto é, mostrando-a aos demais e também a necessidade de saber administrar sua própria vida.

Deste modo, assim como a jovem paulista, as vítimas devem ter consciência de que não fizeram nada de errado e que somente o companheiro ou pessoa responsável deve responder pela situação. No entanto, a precariedade das leis relativas à exposição da intimidade em público parece ratificar o pensamento sexista da sociedade. Ao tomar, por exemplo, os desfechos dos quatro casos, percebe-se que, em nenhum deles, houve a devida punição dos responsáveis. De acordo com a Rede Sul de Rádio⁵⁰, o processo de Giana foi arquivado após dez meses da morte da gaúcha, pois os responsáveis pelo

⁵⁰ Disponível em: <http://www.redesul.am.br/Noticias/Geral/09/09/2014/processo-do-caso-giana-fabi-e-arquivado-apos-quase-dez-meses-da-morte-da-jovem/153516/> Acesso em: 12/11/2014

compartilhamento eram menores de idade. O caso de Julia Rebeca é ainda mais nebuloso: a última notícia sobre o caso data de um mês após a morte da estudante e segundo o jornal Realidade em foco⁵¹, os aparelhos celulares dos envolvidos no caso ainda estavam sendo periciados. Segundo informações do G1⁵², o ex-namorado de Fran foi condenado a cumprir apenas cinco meses de serviço comunitário; e Thamiris mantêm-se distante de Kristian em função de uma ordem de restrição e o processo ainda está em andamento.

E um dos fatores que podem ser determinantes para que essa mudança de pensamento seja estabelecida, é o modo como estes crimes são veiculados na imprensa: a cada novo caso de pornografia de vingança, é realizada uma reportagem, que apesar de informar sobre a vítima e até mesmo dar voz a ela, como aconteceu em reportagem do Fantástico⁵³ (que entrevistou Francielle Santos), reproduz a lógica do machismo ao apresentar algum especialista em internet, que indica às meninas “regras para se proteger”, como “não revelar o seu rosto, o seu nome e nem a sua voz”. A imprensa não deve ter um papel de controle sobre os desejos e a sexualidade feminina, mas deve afirmar que a culpa, nesses tipos de caso, é somente da pessoa que compartilhou, sem o consentimento da mulher filmada, o material.

Deste modo, como perspectiva de estudo futuro, é proposta uma ampla análise das coberturas realizadas por diferentes veículos, destinados a públicos específicos, como revistas masculinas, femininas e jornais de grande circulação, por exemplo.

⁵¹ Disponível em: <http://www.realidadeemfoco.com.br/destaques/caso-julia-delegado-geral-afirma-ja-ter-um-suspesito-e-inquerito-esta-quase-fechado/> Acesso em: 12/11/2014

⁵² Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2014/10/suspeito-de-divulgar-video-de-sexo-faz-acordo-na-justica-em-goiania.html> Acesso em: 12/11/2014

⁵³ Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/11/nao-tenho-mais-vida-diz-fran-sobre-video-intimo-compartilhado-na-web.html> Acesso em: 12/11/2014

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Publicações impressas

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo – A experiência vivida**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.

_____. **O segundo sexo – Fatos e mitos**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CORRÊA, Laura Guimarães. **Mães cuidam, pais brincam: normas, valores e papéis na publicidade de homenagem**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. 254 f.. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Projeto Periferia, 2003.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo da sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. IN: **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, 1995, p. 9-28.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: subjetividade nos gêneros confessionais na Internet**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. 240 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. In: **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(2): 305-332, maio-agosto/2008.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Publicações on-line

LANA, Ligia. A popularização da perigete em telenovelas brasileiras recentes. In: **Rumores (USP)**, Brasil, v. 8, n. 15, p. 69-86, agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/83565>>. Acesso em: outubro de 2014.

MCROBBIE, Angela. Pós-feminismo e cultura popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero. In: **Cartografias: Estudos culturais e comunicação**, Brasil, 2006. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/mcrobbie_posfeminismo.pdf>. Acesso em: outubro de 2014.

MESQUITA, Elaine; ARAS, Lina Maria. A desconstrução do público/privado e a construção do “pessoal é político” na teoria feminista. In: **17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero**, Brasil, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/60>>. Acesso em: outubro de 2014.

CABETE, Ana Luísa; ESTEVES, Maria Lapa. As tentativas de suicídio na adolescência. In: **Revista INFAD de Psicologia - International Journal of Developmental and Educational Psychology**, n. 1, p. 263-270, 2009. Disponível em: <http://infad.eu/RevistaINFAD/2009/n1/volumen1/INFAD_010121_263-270.pdf>. Acesso em: setembro de 2014.

PAULA, Luciane de; FIGUEIREDO, Marina Haber de. Geni, a Maria Madalena de Chico Buarque: aclamações e apedrejamentos na canção e no mundo, ontem e hoje. IN: **Diásporas, Diversidades, Deslocamentos - Revista Fazendo Gênero**, Brasil, vol. 9, agosto de 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277836219_ARQUIVO_lucianedepaula.pdf> Acesso em: setembro de 2014.

RECUERO, Raquel da Cunha. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. IN: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, vol. 1, n. 32, 2007. Disponível em:

<<http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/1969/1785>> Acesso em: novembro de 2014.

ROCHA, Gabriel Gomes de Oliveira. **O poder do Twitter como ferramenta de comunicação.** Brasília; UniCEUB, 2010. p. 30-41. Disponível em: <<http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1757/2/20720766.pdf>> Acesso em: outubro de 2014.

SANTORO, Glaucio; GONÇALVES, Marcio. **Twitter corporativo: sua marca em 140 caracteres.** IN: ESPM Diálogo, Brasil, ano 1, n. 1, p. 62-70, abril de 2011. Disponível em: <<http://dialogo.espm.br/index.php/dialogo/article/viewFile/17/20>> Acesso em: outubro de 2014.

SOUTO, Emilayne da Silva, *et al.* **Do anonimato à fama: uma análise dos perfis de pessoas que se tornaram conhecidas através do Twitter.** In: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Campina Grande: 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0955-1.pdf>>

ZAGO, Luiz Felipe. **Silêncios públicos e visibilidades privadas - corpo, internet e sexualidade.** Ciberlegenda (UFF. Online), Niterói, Rio de Janeiro, p. 1 - 8, 10 ago. 2012. <<http://www.proppi.uff.br/ciberlegenda/sil%C3%A2ncios-p%C3%BAblicos-e-visibilidades-privadas>>

Sites consultados

<http://www.imil.org.br/>

<http://oglobo.globo.com/>

<http://nymag.com/>

<http://www.urbandictionary.com/>

<http://www.dailymail.co.uk/home/index.html>

<http://www.rollingstone.com/>

<http://www.msn.com/en-us/news>

<http://www.safernet.org.br/site/>

<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/>

<http://www.youtube.com/>

<http://www.revistaforum.com.br/>

<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/>

<http://www.shakesville.com/>

<http://www.bbc.co.uk/>

<http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/>

<http://jezebel.com/>

<http://grislab.com.br/>

<http://g1.globo.com/index.html>

<http://www.folha.uol.com.br/>

<http://kernelmag.dailydot.com/>

<http://youpix.virgula.uol.com.br/>

<http://www.terra.com.br/>

<http://twittercentral.com.br/>

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>

<http://videos.band.uol.com.br/programa.asp?e=entretenimento&pr=a-liga>

<http://www.facebook.com.br>

<http://twitter.com>

8. ANEXOS

ANEXO I – Redes sociais de Julia Rebeca, Giani e Fran

Figura A - Últimos tweets e foto Instagram – Julia Rebeca



FIGURA B – Tweets Julia Rebeca





FIGURA C – Últimos tweets de Giana Fabi



FIGURA D – Perfil de Julia e Giana



FIGURA E – Foto publicada pela usuária @mechamofabi



FIGURA F - Fotos de pessoas comuns com a #forçafran

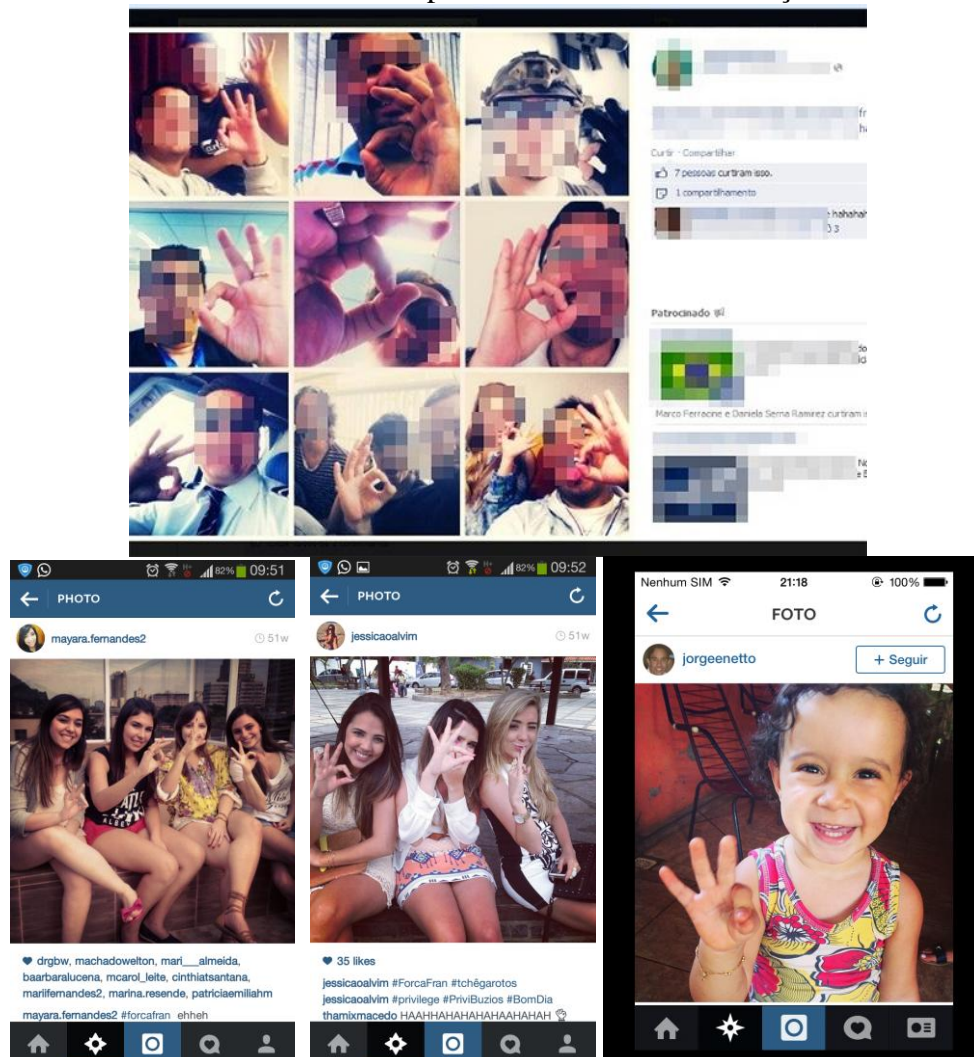




FIGURA G – Exemplos de fotos com #apoiofran



ANEXO II – Relato de Thamiris Sato

Meu desabafo como vítima de "revenge porn".

November 17, 2013 at 8:58pm

O que eu vou escrever agora me deixa **extremamente desconfortável**. Eu não queria esse tipo de exposição, mas depois de ter toda a minha intimidade exposta pelo meu ex-namorado Kristian Krastanov, e receber mais de 100 mensagens de pessoas desconhecidas, vou dar uma única resposta.

Para contextualizar, o nosso namoro era permeado por brigas e términos semanais e/ou mensais. Meus amigos podem confirmar isso. Estávamos ambos infelizes, ele vivia testando os meus limites e depois pedindo desculpas, porque "se eu realmente amasse, eu daria outra chance" e ficamos nesse lixo por um tempo incrível. Posso afirmar que ele continua testando os meus limites.

Já falei em outros posts sobre as ligações diárias dele, que de 20 passaram pro ápice dos 400 em questão de alguns meses. Foi em julho que as ameaças começaram: "eu vou colocar suas fotos nua e vídeos na internet etc". Mas sinceramente, quão ridículo e baixo é ameaçar e mendigar amor e atenção com chantagens?

Tudo foi piorando e ficou mais do que claro de que conversa não adiantava. Quando ele me ameaçou de morte, eu resolvi agir e fui à delegacia de polícia da mulher fazer um boletim de ocorrência. Eu estava perdendo a minha cabeça.



Kristian Krastanov

9/24, 8:29pm

COMO TEM CORAGEM DE FAZER ISSO COMIGO

Eu vou quebrar sua cabeça sua puta

Você vai morrer e eu logo depois

Até briguei com alguns amigos por eles me acharem lerda demais pra reagir. Eu só não queria causar alarides, queria que tudo terminasse bem. Era só ele se afastar e sumir pra sempre.

September 17



Thamiris N. M. Sato

9/17, 12:36pm

É vc q fica me ameaçand

Se vc parasse e sumisse da minha vida, ia ser bom pra nós dois



Kristian Krastanov

9/17, 12:37pm

Quero justiça



Thamiris N. M. Sato

9/17, 12:37pm

e justiça é me matar?



Kristian Krastanov

9/17, 12:37pm

Nunca vou sumir da sua vida

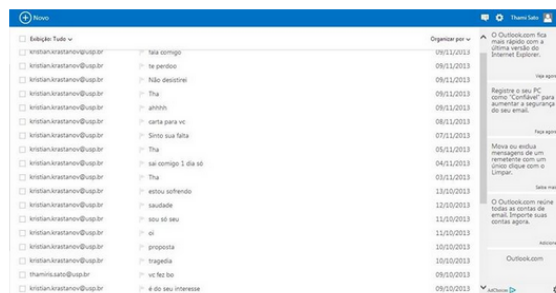
Você me enganou, agora vou te atormentar por anos, até te ver acabada

Ele queria uma despedida, um adeus, e depois reclamava se na "despedida" eu não conseguia olhar pra cara dele sem sentir nojo e ódio após todas as ameaças e chantagens. LEGAL, você é um doente e está levando minha sanidade mental embora também.



Kristian e seus milhares de fakes, inclusive um se passando por mim.

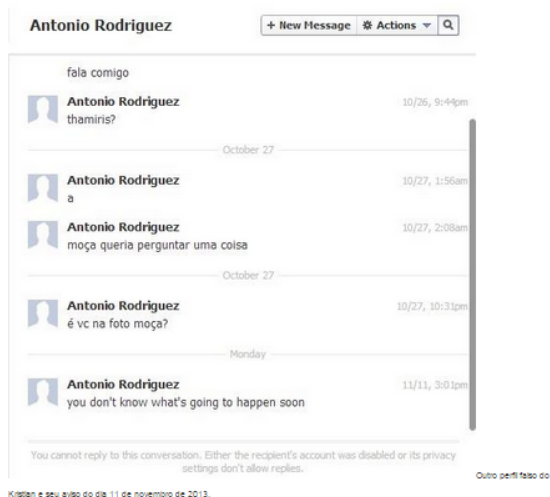
Ele tinha hackeado meu e-mail da universidade, o qual eu recuperei a senha esses dias por algum milagre, e vi que um dos milhares de perfis falsos que ele criou para me atormentar estava vinculado ao meu próprio e-mail, além de um perfil se passando por mim num site pornô. Eu até colocaria o print screen da tela aqui se não morresse de vergonha. Ele me enviava e-mails quase que diariamente.



Spam no meu hotmail

Na madrugada do dia 31 de outubro de 2013 ele espalhou uma foto minha nua junto deste meu perfil do Facebook. Eu recebi umas 40 solicitações de amizade de desconhecidos e algumas mensagens indesejadas, algumas com a minha foto, outras sem. Perguntei para várias daquelas pessoas em que grupos eu estava e coisas do tipo. Descobri pelo menos 4 ou 5 grupos de putaria do facebook, coisa que eu nem sabia que existia antes disso. Eu pensei que aquela tivesse sido a pior madrugada da minha vida, chorando por horas a fio. Mudei a foto do perfil, coletei as evidências que consegui, mudei algumas coisas na seção de privacidade da conta e desativei o facebook.

Eu só reativei minha conta por motivos práticos, e se não precisasse dela pra conversar com certas pessoas, nem teria reativado. Talvez tivesse sido melhor, não teria recebido outra ameaça ou sei lá o quê disfarçada de aviso.



Dia 15 de novembro, o dia do ano que eu mais esperava por causa do show da Lena Katina, foi quando tudo aconteceu DE NOVO. Meu amigo Ivan estava aqui em casa quando eu ia mostrar pra ele minha pasta "outros" - para ele ver os perfis falsos do Kristian - mas ao invés disso, eu segurei meu celular incrédula, fiquei em silêncio por um momento até que comecei a chorar de novo. Se o Ivan não estivesse comigo, talvez tivesse chorado mais. Com a ajuda dele eu resolvi deixar aquilo pra lá. Depois do show eu me preocupava com isso. Mas esse dia especial, ninguém iria arruinar.

Ao voltar pra casa, feliz da vida pelo dia incrível, fui ver o tamanho do estrago. Havia mais de 70 mensagens. Eu mandei um texto padrão para todos, pedindo ajuda, informação e falando sobre o que eu estava passando. O que eu descobri como sendo verdade é: minhas fotos estão numa pasta para download de um site chamado mega. Tem outro arquivo .rar com minhas fotos, "mais completo", também para download. Além de estar em vários grupos de putaria, falaram-me também sobre blogs e no aplicativo What's App.

Acredito ser o medo de qualquer vítima de Revenge Porn (<http://xojane.com/it-happened-to-me/revenge-porn-holly-jacobs> - Artigo muito bom que meu amigo Victor me passou.) receber mensagens falando "oi tá famosa sabia, te vi vários lugares já (sic)".

As mensagens não pararam de madrugada, e nem no dia seguinte inteiro.

Dá para dividir as pessoas em grupos:

- as que te ajudam e se sentem mal por terem enviado a mensagem
- as que te ajudam, porém querem mais fotos ou coisas em troca, e acham que merecem isso
- as que não te ajudam, dão risada da sua cara e compartilham o que você está falando, só para todos os outros rirem junto
- as que dão conselhos tão bons que deveriam ficar para elas mesmas "da próxima vez escolhe um namorado melhor", "que fique de lição para você não fazer mais isso" etc
- as que jogam a culpa em você, porque se não quisesse, não tinha feito
- as que jogam a culpa no ex-namorado
- as pessoas que nem ao menos enxergam que isso é uma injustiça e ato de imaturidade.

Alguns eu apenas ignorei. Mantenham seus comentários acerca do meu corpo para vocês mesmos. Eu não quero ouvir "com todo o respeito" que eu sou isso, isso e aquilo. Sério.

Pedir ajuda à família dele foi algo totalmente imprestável. Quando pedi ao pai dele que destruísse todos os DVDs do Kristian, esta foi a resposta:

"Boa noite Thamiris, Peço que não envie sms. Não precisava ter feito o Boletim na polícia. Isso é traição, ainda mais por ele ter te ajudado durante 2 anos para que você conseguisse passar em suas provas de literatura russa.
 Pelo que sei, enquanto ele estava em Ribeirão Preto, você arranhou um amante. Isso significa que você o enganou por 2 anos???
 Você o chama de lunático e de alcólatra. Também ameaçou de que relatará alguma coisa em grupos feministas da faculdade. Isso é uma ofensa pesada, e não deiva de ser uma ameaça também. Se for provado o contrário podemos acabar parando na justiça, e claro que espero que não chegue a esse ponto.
 Eu posso te prometer que suas fotos não irão ser publicadas na internet então fique tranquila. Peço porém que não fique mandando sms nem provoque meu filho. Repense na possibilidade de retirar a queixa para seguir o rumo de cada um normalmente. Procure não aparecer pra ele, não marque encontros, bloqueie de onde for possível para que não te ligue, não responda NADA e evite contato com ele.
 Dessa forma, ele logo irá te esquecer e econtrará outra garota mais merecedora. Assim como sua família esta decepcionada com Kristian, a nossa família também esta muito decepcionada com você!!!
 Boa noite Mihail"

A minha resposta, caso alguém ainda esteja lendo:

"Traição é ele contar os meus segredos a uma pessoa que me odeia. Fazer o boletim de ocorrência é medida preventiva contra as ameaças de morte dele.
 Eu nunca trai o Kristian e muito menos arranhei um amante.
 Isso significa que você não sabe de nada, eu não enganei ninguém por dois anos já que o relacionamento durou bem menos do que isso, e sinceramente, eu não sei da onde surgiu essa ideia pq trair eu nunca fiz.
 Eu não ameacei contar ao grupo feminista da faculdade todas as ameaças dele. Eu disse que eu poderia ter feito isso se fosse pra acabar com a vida acadêmica dele, como ele sempre me diz q eu "destruí" a faculdade pra ele.
 Terça-feira ele ficou me seguindo até o prédio da letras e depois lá dentro. Ele tem todos os meus horários e salas anotados. É ele que me procura, não sou eu que "apareço" pra ele.
 E outra - se eu tivesse dado queixa criminal contra ele, aí eu teria algo para "repensar e tirar". Não foi isso que eu fiz.
 Espero mesmo que o seu filho encontre outra garota mais "merecedora". Só tenho pena caso ela resolva terminar o namoro com ele."

E a resposta *gratificante* que recebi do pai dele:

"Kristian nunca vai te machucar, voce nao o conhece . Ele pode se machucar se mesmo por causa de amor. Sobre outra garota , isso e trabalho de Deus...
 Um bom dia"

O que fazer quando a família do agressor sabe da situação toda e ainda o defende?
 Nem meus pais agiram dessa forma se o caso fosse o contrário.

Pois é, Kristian. Você não queria me ver toda acabada e amuinada? Eu tenho certeza de que suas mensagens falando "vamos ser amigos, eu te perdoo, só volte pra mim" são apenas mais armas da sua tortura psicológica para testar os meus limites. Com seus 26 anos, você deveria ter o mínimo de maturidade na sua cabeça. Infeliz fui eu por ter sido a sua primeira. Primeiro namoro, primeiro beijo, primeiro tudo. Se eu pudesse voltar no tempo, desejaria nunca ter olhado na sua cara.

Nos meus momentos mais egoístas, eu admito que é muito atraente a ideia de cortar meus pulsos ou tomar todos os comprimidos que eu encontrar com alguma bebida alcoólica bem forte. Mas eu não vou te dar esse gosto da vitória.

Ainda que neste momento eu seja parte das estatísticas das vítimas de ex-namorados imaturos, eu nunca serei parte das que se suicidam por causa disso. Algum dia eu vou parar de chorar o tempo todo, eu vou recuperar as minhas forças, e mesmo que a justiça ainda seja falha no quesito de crimes virtuais desse tipo, estamos caminhando para leis melhores.

 Editando: a conversa que a irmã dele e eu tivemos após a publicação deste desabafo.

Mariya Krastanova

[+ New Message](#) [⚙ Actions](#) [🔍](#)

- 

Mariya Krastanova

Menina vc é uma vibora! Nunca vi uma garota tão venenosa quanto você! Me poupe com seu discurso de santinha, pq de SANTA você não tem nem 1 fio de cabelo!!! Você é infantil, não sabe lidar com os problemas e espera que todo mundo resolva tudo pra você. Esta na hora de crescer, não acha??? Eu trabalho o dia todo, sustento maior parte das contas de casa, pago multas por falta de dinheiro tenho que resolver UM MILHAO DE PROBLEMAS tenho que matar um leão por dia pra ser alguém nessa vida!! Sofro com os problemas de todo mundo e ainda tem você e sua PUTA INFANTILIDADE DE CRIANÇA DE 5 ANOS pra me dar TODO SANTO DIA mais problemas na cabeça!!!! Tem que cuidar dos meus pais, do meu irmãos e de você menina mimada!! Ate cheguei a pensar que você poderia ser legal, mas me convenci hoje do quanto você é horrível. Nunca imaginei que encontraria gente tão ruim nesse mundo. Só Deus sabe oq passei por sua causa em minha vida! Uma única pessoa consegue arruinar toda a minha paz e sossego, MALDITA hora que meu irmão conheceu você. Não sabe o tanto que te odeio!

12:03am
- 

Mariya Krastanova

TE ODEIO do fundo da minha alma!

12:07am
- 

Thamiris H. M. Sato

Se o seu irmão não tivesse me ameaçado de morte, chantageado, atormentado e nem exposto todas as minhas fotos na internet, isso nunca teria acontecido.

12:08am
- 

Mariya Krastanova

vai pro inferno

12:09am
- 

Thamiris H. M. Sato

Seu irmão vai primeiro pelo o que me fez.

12:09am
- 

😏

12:09am
- 

Mariya Krastanova

Você também vai, não se preocupa
ridícula, mimada

12:09am

**Thamiris R. M. Sato**

E o seu irmão é o quê?

12:09am

Espero que você nunca tenha a sua intimidade exposta.

**Mariya Krastanova**

meu irmao tem os problemas dele, eu to falando dos seus que não sao poucos

12:10am

nao terei,eu não sou idiota hehehe

tenho o MINIMO de senso

**Thamiris R. M. Sato**

Mas o seu irmão não tem,

12:10am

**Mariya Krastanova**

pra saber que isso nao eh algo que se faz e que ninguem eh confiavel

12:10am

**Thamiris R. M. Sato**

E agora a gente se vê na justiça.

12:10am

**Mariya Krastanova**

Bom, boa sorte e nunca imaginei que ia falar isso pra alguem, mas desejo a você tudo de pior q tem na vida, Abração

12:11am

Share

 80 people like this.

 2,813 shares

ANEXO III - ENTREVISTA REALIZADA VIA FACEBOOK PELA AUTORA

Marilise: *Oi, Thamires, você não me conhece e deve ter estranhado essa mensagem. Sou Marilise Mortágua Gomes e estou no último período de jornalismo da Escola de Comunicação, na UFRJ, e, em minha monografia, estou falando sobre meninas que foram vítimas de pornografia de revanche e o comportamento delas nas redes sociais: escrevi sobre a Julia Rebeca e a Giana Fabi, sobre a Fran e sobre o seu caso. Sei que deve ser muito difícil para você falar sobre o que aconteceu e fiquei muito na dúvida se deveria ou não falar com você, mas decidi te procurar porque acho que não estou escrevendo essa monografia só para mim. Estou escrevendo para dar voz a todas as mulheres que já sofreram algum tipo de violência por serem mulheres. Se você não aceitar, vou entender, mas você pode, por favor, me indicar isso. Sua força e coragem são admiráveis! Obrigada e muita luz para você.*

Thamiris: *Olá, Marilise. Não tem segredo. Eu escrevi as coisas no Facebook porque era o lugar que o K (modo pelo qual ela trata Kristian, o ex-namorado) cometia os delitos dele e a partir disso muita gente vinha me encher o saco.*

M: *Você também achou que aqui seria o melhor lugar para alcançar mais pessoas ou não pensou nisso de imediato.*

T: *As pessoas que me mandavam mensagem eram de grupos do Facebook, do tipo criado para compartilhar fotos como as minhas. Eram mensagens indesejadas e eu fiz aquele texto porque tava de saco cheio. Não escrevi para os meus amigos. Escrevi público para as pessoas pararem de me mandar mensagens. Muita gente vinha me zoar e me xingar, mandavam de volta pra mim as minhas fotos nua. Outros vinham avisar sobre o ocorrido e dar palpites ou conselhos ou sabedorias de vida*

M: *Thamiris, não sei se você consegue me explicar isso, mas de onde você tirou força para escrever e falar sobre a situação? Porque a maioria das meninas não se identifica ou acaba até se suicidando.*

T: *Não acho que seja força, mas eu só tava cansada e puta da vida de contar a mesma história para cada pessoa que vinha encher o saco. Me perguntavam: "Se ele era um canalha, porque tirou as fotos?" Não é o tipo de coisa que você quer ler de gente que não sabe nada do que você viveu, né?*

M: Sim, sempre questionam a atitude da mulher. Como foram os dias depois de ter postado a nota no Facebook?

T: Bem, eu estava deprimida e não queria sair de casa pra nada. Além de que por muito tempo eu tava com aquele medo de sair e dar de cara com ele por aí. Antes de divulgar as fotos, teve um dia que ele veio até minha casa e ficou tocando a campainha de meia em meia hora. E também ficava me seguindo pela faculdade. Mas talvez a força de que você tenha mencionado antes, talvez eu tenha tirado do ódio, da raiva que senti dele.

M: Ódio por ver que ele, o criminoso, não estava sendo privado de sua liberdade e você estava?

T: Ódio dos conselhos das pessoas, falando para eu mudar de cidade, mudar de vida, parar de sair. É ser refém de um medo para seu "próprio bem". Ódio de todos os caras (e mulheres às vezes) que "vazam" fotos de outras por motivos torpes e se tornam assassinos, porque eu acho assassinato quando a menina se suicida por isso e o cara não vai nem preso.

M: E por esses conselhos, só você teria que mudar tudo, sendo que o errado era ele. Você acha que mesmo quando as pessoas querem "ajudar", acabam perpetuando a lógica do machismo.

T: É, mas eu entendo as pessoas. Só tava com ódio da mentalidade, da ideologia por trás de cada conselho. Eu não mudei o telefone da minha casa até hoje. Voltei a estudar só porque consegui a ordem de restrição. Ele achou que pelo anonimato da Internet ia conseguir me ferrar, mas ferrou a própria vida. Eu só tive que ser sincera e aguentar o julgamento alheio. Só fiquei feliz com repercussão quando recebia mensagens vez ou outra de mulheres que encontraram força no relato. Ou homens que diziam ter aberto os olhos para essa questão...Que viam as fotos desse tipo "caiu na net", mas nunca pensaram que a menina podia ter sofrido muita ameaça e chantagem até aquilo ser exposto. Às vezes quando eu queria me matar e nem pensar na família me dava forças, eu pensava nele rindo ironicamente ao saber da minha morte. Pode ser uma coisa meio perturbada e doentia, mas me dava ódio instantaneamente e uma vontade de sobreviver só pra isso não acontecer.

M: Li que o coletivo feminista Marias Baderna, da USP, te ajudou, como foi essa ajuda?

T: Uma moça desse coletivo (acho) me avisou uma vez que um fake postou minhas fotos no grupo da FFLCH USP. Mas eu nunca fui numa reunião nem nada, porque odeio falar sobre o assunto.

M: *Você procurou ajuda psicológica profissional depois do que viveu?*

T: Eu fui numa psicóloga em abril e maio desse ano, mas eu não sentia mais vontade de me matar. Eu não gosto de falar sobre esse assunto, mas era basicamente o q eu falava lá na psicóloga... eu parei de ir logo.

M: *Thamiris, você me ajudou muito. Obrigada por ter aceitado falar. Tudo de melhor em sua vida.*

T: Obrigada, até logo. Boa sorte!